

Lilian Campos

Guardião

A Luz na Escuridão



Ditado pelo
Espírito Sete
Porteiras

Médium
Roberto R.
Rodrigues

GUARDIÃO

GUARDIÃO

A LUZ NA ESCURIDÃO

Ditado pelo espírito Sete Porteiras

Médium Roberto R. Rodrigues

Lilian Campos

Copyright/2019

1ª edição

Guardião: a luz na escuridão, por Lilian Campos

Copyright © Lilian Campos. 2019

ISBN: 978-65-900535-1-0

Autoria

Lilian Campos

Capa

Roberto R. Rodrigues

Diagramação e Revisão

Davilan Vilela Borges

C198g

Campos, Lilian

Guardião: a luz na escuridão / Lilian Campos – 1. Ed. – Foz do Iguaçu – PR: Edição da autora, 2019.

133 p.: 16 x 23 cm; EBOOK.

ISBN 978-65-900535-1-0

1. Espiritismo. 2. Mediunidade. I. Título.

CDD: 133.93

CDU: 133.7/49

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida por quaisquer meios existentes sem autorização por escrito da autora.

CARTA AO LEITOR

Todos os relatos da história que se segue são verídicos, aconteceram no Brasil, durante o século XVIII.

Para não interferir na caminhada de nossos irmãos encarnados ou desencarnados, todos os nomes e locais foram alterados, com a intenção de preservar familiares e pessoas próximas.

Nós, espíritos, trabalhadores de Cristo nos detemos nos ensinamentos que podemos transmitir, com a esperança de que esses possam ajudar aqueles que hoje vivem suas provas na terra. Dessa maneira, acreditamos que determinados detalhes se tornam irrelevantes, pois o essencial é que nossas mensagens sejam relatadas de forma fidedigna e toquem os corações que estejam abertos a nossas palavras.

Como Espírito trabalhador da seara do bem desejo que o relato sobre minha última vivência no plano físico e o tempo de estágio nas zonas umbralinas, sirva de exemplo, aprendizado e reflexão para aqueles irmãos que vivem suas provas no plano físico.

Que pelo exemplo de minhas experiências possam alcançar entendimento e compreensão e assim fazer boas e melhores escolhas em suas vidas.

Que nunca lhes falte a força e a fé durante a caminhada.

— Sete Porteiras

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
PARTE I	10
CAPÍTULO I – Sigilosa Liberdade	11
CAPÍTULO II – O Começo do Fim	18
CAPÍTULO III – Encarceramento	24
PARTE II	38
CAPÍTULO I – Retorno a Marajoara	39
CAPÍTULO II – Amarga Vingança	51
CAPÍTULO III – Das Trevas para Luz	73
CAPÍTULO IV – Surge o Guardião	96

INTRODUÇÃO

A história do Brasil foi marcada pela transição entre o período colonialista e imperialista. Momento conturbado, em que a expectativa agitava as massas, os que se opunham aos ideais imperialistas eram vistos como traidores e muitos foram julgados e condenados à prisão onde permaneceram até a morte.

A época era promissora para expansão dos grandes latifúndios, pois a escravidão oferecia mão de obra barata, dessa maneira, em pouco tempo pequenos proprietários ampliavam seus negócios e propriedades, ganhando destaque e prestígio como grandes exportadores de açúcar e derivados, que todos os meses eram enviados e distribuídos por toda Europa.

Multiplicavam-se os engenhos, os grandes latifundiários viviam seu momento de auge, o açúcar era o ouro branco que enriquecia os produtores de cana. Em meio a exacerbada concorrência a fazenda Marajoara, pertencente ao Barão Antônio, destacava-

se por ser a mais rentável produtora de açúcar, exportando toneladas do produto.

A posição de destaque incomodava muitos adeptos do imperialismo, na condição de Franco Brasileiro, o Barão era visto como partidário dos ideais napoleônicos, em verdade, o que fazia era administrar estrategicamente sua fazenda, priorizando negociações que lhe atribuissem bom retorno, sendo assim dava preferencialismo à França, não por essa ser pátria natal de seu pai, mas sim, porque os lucros eram maiores.

A posição social privilegiada e a grande quantidade de terras logo despertaram cobiça, a descendência francesa, a contrariedade diante dos abusos imperialistas, as negociações com a França e os ideais abolicionistas, chamavam a atenção de vários defensores do imperialismo, que viam no Barão um opositor e inimigo infiltrado em terras brasileiras, uma ameaça que precisava ser exterminada a qualquer custo.

PARTE I

MARAJOARA

CAPÍTULO I

Sigilosa Liberdade

Marajoara era uma das maiores fazendas daquela região, bem estruturada e organizada destacava-se pela grande produção de açúcar e insumos, contando com prestigiada reputação era constantemente visitada por vários produtores que buscavam em minha propriedade o exemplo de negócio prospero e lucrativo.

Eu era Senhor Antônio, proprietário daquela imensa fazenda que recebi como herança, valendo-me dos conhecimentos de engenharia agrônoma que adquiri durante anos de estudos na França, em poucos anos expandi a propriedade, colocando-a entre as maiores produtoras do Brasil.

Vivíamos em uma sociedade escravocrata, para auxiliar no progresso dos negócios eu contava com a mão de obra escrava, tinha sobre minha tutela vários negros que me ajudavam na expansão e produção. Ainda que fosse proprietário de escravos, não concordava com o regime de escravidão imposta aos

negros, que em sua maioria vinham da África em condições desumanas, contrário aos preconceitos que diferenciavam os seres pela cor da pele, eu os considerava irmãos.

Desde a infância fui educado na religião católica apostólica romana, seguia os preceitos de Cristo que diziam: “Amai teu próximo como a ti mesmo”, “Não façais aos outros o que não quereis que voz façam”, sendo assim, eu entendia que meu dever perante os escravos era de tratá-los com dignidade, respeito e amor.

Como não podia me opor aos regimes políticos da época eu mantinha o trabalho escravo em minhas terras, detinha títulos de propriedade sobre cada um daqueles seres vivos, no entanto, fazia questão que fossem tratados como iguais, dava-lhes toda assistência, diferente das outras fazendas onde os escravos viviam em senzalas, em minhas terras eles podiam fazer suas próprias plantações, permitia que construíssem suas casas, trabalhavam por tempo limitado, dava-lhes horas para descanso, dias de folga, permitia que saíssem da fazenda, eram livre para ir e

voltar quando desejassem. Não fazia uso de troncos, chicotes ou castigos, todos trabalhavam satisfeitos e realizavam suas tarefas sem revoltas, pois sabiam que o tratamento que recebiam era muito diferente das outras fazendas.

Naquela época vivíamos um período conturbado, as ideias abolicionistas eram vistas como traição, sendo assim era obrigado a manter sigilo sobre a maneira como meus escravos eram tratados. Para evitar qualquer suspeita mantínhamos uma grande senzala, que era usada pelos escravos nos finais de semana em seus momentos de confraternização, em frente à casa grande destacava-se um vistoso tronco com correntes, que ali permanecia somente para extinguir qualquer suspeita.

Como eram muitos negros sobre minha tutela, eu não sabia o nome de todos, mas os conhecia bem, bastava olhar para seus rostos que logo pressentia suas necessidades, e com boa vontade procurava suprir o que lhes faltava, alguns me pediam roupas, um pedaço a mais de terra para plantar, outros me procuravam

apenas para receber um conselho, eu os atendia com cordialidade e boas intenções.

Sempre que reunia os escravos para dar-lhes ordens de trabalho, fazia questão de demonstrar meu respeito e minha contrariedade a escravidão. Fazia o possível para que sentissem em seus corações que eu não desejava lhes tirar a liberdade.

Certa ocasião alguns escravos me procuraram confessando a falta que sentiam de seu país natal e o desejo de retornar, impossibilitado de enviá-los de volta a sua pátria, sentia-me compelido a acalmar aqueles corações, reuni todos os escravos da fazenda, com sentimentos fraternos e voz embargada falei:

— Meus irmãos! Dentro dessa propriedade, todos são livres! Podem entrar e sair quando quiserem!
— A escravidão não passa da desumanidade levada a níveis absurdos, é uma das práticas mais cruéis impostas à vida de um ser humano! Adotada por um sistema que serve somente para alimentar a soberba, vaidade e arrogância de pessoas sem amor que vivem a serviço da coroa portuguesa!



Percebendo que todos me ouviam com atenção continuei:

— Infelizmente no momento em que vivemos, a liberdade que tem em minhas terras precisa ser mantida em sigilo, o sistema libertacionista em que vivem só pode ser usufruído dos portões para dentro, caso contrário atrairemos sérios problemas para todos nós. — Todos aqui sabem que podem ir embora se quiserem, no entanto, aconselho que fiquem, pois certamente em pouco tempo serão capturados e levados para outras fazendas onde não terão o mesmo tratamento que aqui.

Notando que aqueles homens e mulheres se resignavam as condições que viviam, dispensei todos para que retornassem a seus afazeres. Acreditava que todos estavam satisfeitos.

Apesar do sistema de liberdade se restringir a propriedade, eu me sentia intimamente feliz, pois percebia que a maioria realizava suas tarefas com satisfação, o trabalho era produtivo e de boa qualidade.

Em raras ocasiões acontecia de um negro fugir, apesar de permitir que fossem embora quando quisessem, sempre havia alguns que optavam por sair na calada da noite, nessas situações não mandava que os procurassem, permitia que seguissem o caminho escolhido, apenas lamentava, pois a região era dominada por fazendeiros, caso o fujão fosse pego logo seria levado para outra fazenda, onde viveria a escravidão em seu real e verdadeiro sentido.

Dentro desse regime, em minhas terras consegui oferecer uma vida digna aos escravos, no entanto, mantínhamos um segredo que precisava ser guardado a todo custo, caso contrário nossas vidas estariam em perigo. Eu sabia dos riscos que corria, contudo, acreditava que todos estavam satisfeitos e fariam o possível para manter o sigilo e nossa paz.

Mesmo sabendo que muitos escravos sonhavam com a liberdade, acreditava que estavam satisfeitos com as condições de vida que tinham na fazenda, jamais pensei que entre eles houvesse revoltados, que se ressentiam com a minha pessoa, e

até se sentiam humilhados com a proteção que lhes dava.

Agora compreendo que nem todos os espíritos são iguais, muitos são gratos e felizes com o que tem, enquanto outros, por mais que a vida lhes ofereça boas oportunidades, sempre estarão insatisfeitos, esses ainda se encontram no caminho de conscientização.

Apesar de todo esforço para proporcionar-lhes uma vida digna alguns não se conformavam com o sistema escravocrata, me culpavam por não lhes dar liberdade, espalhavam boatos entre os escravos, envenenando as mentes mais fracas ao dizer que eu os iludia. Revoltavam-se e procuravam todos os meios para sair da condição que viviam, agiam pelas minhas costas, amotinando-se e usando de meios indignos para alcançar seus propósitos.

CAPÍTULO II

O Começo do Fim

Sem que eu suspeitasse, um escravo chamado José escondia grande contrariedade, não acreditava que houvesse verdade em minhas intenções, me julgava um homem falso e manipulador, que fazia toda uma encenação para mantê-los submissos.

Pelas minhas costas deu início a uma astuciosa trama, esperto a desprovido de qualquer sentido moral, aproveitava-se da ingenuidade dos escravos para incitar revoltas, usava dos momentos de folga para reuni-los na senzala, onde disferia suas acusações, colocando em julgamento minha honestidade e intenções, estrategicamente angariava aliados para pôr em prática seus planos desvairados de tomar a fazenda.

Nos finais de tarde, cuidadosamente selecionava dois escravos que vigiavam o perímetro, assegurando que ninguém o surpreenderia, enquanto isso dentro da senzala ele falava com vos enérgica para que todos ouvissem:

— Esse senhor Antônio quer nos converter ao Cristianismo! Faz de tudo para nos manter aos seus pés! Precisamos tomar cuidado, pois ele não é tudo o que diz! — Se nos unirmos seremos mais fortes, poderemos tomar a fazenda, transformá-la em um quilombo, tudo está ao nosso favor!

Notando que a plateia se dividia em opiniões, ainda mais convicto continuou:

— Temos comida, terras e até gado para nos manter, fome não passaremos, só precisamos nos livrar do sinhô Antônio! Querem viver o resto de suas vidas sendo iludidos pelas falsas palavras desse homem? Acreditam mesmo no respeito que ele finge ter por nós? Se é tão honesto, então por que não dá a liberdade para todos nós? Precisamos ser donos de nossas vidas!

Muitos escravos eram contra as ideias de José, sabiam que nas fazendas vizinhas os escravos eram cruelmente castigados, as condições em que viviam eram as melhores que podiam ter, no entanto, vários se deixavam envolver pelos ideais do escravo rebelde.

Enquanto José cada vez mais aliciava cooperadores, eu me encontrava mergulhado em preocupações, pois a fase de transição política se tornava cada vez mais perigosa, muitos eram vistos como suspeitos por terem ideias opostas ao imperialismo, os que eram denunciados, logo tinham seus bens tomados para serem enviados a prisões sobre regime de tortura, ou condenados à morte. Sabendo que minha situação socioeconômica me colocava em uma posição de destaque, me sentia suscetível.

Era muito comum receber em minha propriedade grandes fazendeiros, que vinham para realizar negociações, percorriam a fazenda visitando os engenhos, as plantações, curiosos para saber os métodos de cultivo e produção que me davam tantos lucros. Cada uma dessas visitas representava um perigo, pois muitos reparavam na maneira como os escravos viviam, esses partiam suspeitando das minhas ideias libertacionista.

Antes dessas visitas eu reunia os escravos, pedindo que mantivessem discrição, não falassem com

os visitantes, as senzalas eram organizadas para que dessem a impressão de que eram usadas, pedia aos escravos que evitassem usar boas roupas ou calçados. Era importante que aparentassem sofrimento.

Foi aproveitando uma dessas visitas que José e seus aliados colocaram em prática um plano muito bem elaborado. Sabendo que receberíamos um grupo de fazendeiros combinaram fazer comentários sobre minha ideias libertacionistas, e a maneira como eu tratava os escravos, no momento certo falariam de uma maneira que pudessem ser ouvidos pelos visitantes.

No dia combinado os fazendeiros chegaram, realizadas algumas negociações, acompanhei os visitantes para mostrar a produção da fazenda. Em caminhada pelos canaviais o grupo se dividia, cada um procurava olhar aquilo que mais lhe chamava atenção, foi nesse momento que José e seus comparsas encontraram a oportunidade que aguardavam, percebendo que um pequeno grupo de três fazendeiros se distanciava do local que eu estava, os escravos se aproximaram conversando:

— Senhor Antônio prefere ficar entre os porcos do que se misturar a esse povo imperialista! Essa cabra não aceita o império! Tem umas ideias bem diferentes dos outros!

Tião, o escravo que acompanhava José não perdeu tempo, continuou a conversa, dissipando ainda mais intriga:

— Ideias bem diferentes mesmo! Até permitiu que fôssemos embora se quiséssemos, e ainda deu um pedaço de terra pra alguns escravos!

Os fazendeiros ouvindo os comentários se entreolharam espantados, sem perder tempo arranjaram uma desculpa para encerrar a visita. Estranhando a atitude dos convidados os acompanhei de volta a sede da fazenda, para em seguida vê-los partir sem compreender qual o motivo de tamanha mudança de interesse.

Os boatos se espalharam tão rápido quanto o bater das asas de um colibri, e não demorou para que chegassem até os ouvidos dos interessados em acabar com aqueles que se mostravam contra o imperialismo.

Guardião: a luz na escuridão, por Lilian Campos

Tendo em vista os comentários feitos por José e Tião
fui acusado de traição.

CAPÍTULO III

Encarceramento

Em poucos dias uma pequena tropa de soldados imperial invadia minha residência, sem chances de argumentar fui acusado de traição, arrastado como prisioneiro, jogado em uma carruagem iniciou-se a fase mais difícil daquela existência.

A viagem que durou quase vinte dias me submeteu a intenso desgaste, apreensivo com o destino que me aguardava, com fome e sede, a barba por fazer, sujo, desidratado, com pés e mãos acorrentados, aparentava um homem doente, foram nessas condições que desembarquei no Rio de Janeiro onde seria interrogado pelas acusações de traição.

Jogado em uma cela imunda, passei horas aguardando o momento em que seria colocado diante do oficial responsável, pensava em como sair daquela situação, alguém havia me denunciado, mas quem? Ansioso caminhava de um lado para o outro da cela, sabia que meu aspecto era lamentável, como poderia

me apresentar daquele jeito? Como poderia me defender?

Pouco tempo depois fui levado à presença do oficial que representava o imperador.

Com o coração mergulhado em aflições, mantive a humildade, de cabeça baixa parei diante do homem que me observava com olhos ativos, e logo em seguida se pronunciou:

— Estou indignado em saber que uma pessoa importante como o senhor tem ideias tão banais! — Coloca-se avesso ao que todos seus compatriotas esperam! Mostra-se contra um império digno e com grande potencial de crescimento!

Dando uma pequena pausa o homem continuou a me olhar com desprezo, respirando fundo e agora com voz enfadonha falou:

— És um cavalheiro muito rico e influente, dono de imensa propriedade, com muitos escravos, uma pessoa nessa posição, com ideias contrárias a uma nova nação é uma ameaça! — Não quero que suas ideias atrapalhem o crescimento de nosso povo! Posso dar-lhe duas escolhas, ou retira tudo que falastes sobre

o imperador, ou terei que prendê-lo por traição! —
Como se defende senhor Antônio?

Eu sabia que os condenados a prisão tinham suas vidas ceifadas em pouco tempo, pois as condições eram inumanas, na tentativa de não agravar minha situação vi-me obrigado a mentir, precisava convencê-lo de que minha posição era de plena concordância com a política adotada, sem mostrar qualquer ameaça respondi:

— Meu senhor! De forma alguma sou contra o imperialismo! Jamais me passou pela cabeça ideias contrárias ao novo regime! Sendo o melhor para o povo brasileiro, que motivos posso ter para ser contra o império do Brasil?

— Muito simples Barão! O senhor é francês, um dos maiores exportadores de açúcar do Brasil, todos os meses envia toneladas para Portugal, e outros países da Europa, inclusive França, sabemos que muitos como o senhor não estão satisfeitos com as novas regras.

Terminada a irônica explicação o homem calou-se, tentei argumentar, mas antes que conseguisse

ele fez um sinal para que me calasse, sem permitir que eu continuasse com minha defesa ordenou que os guardas me levassem, o julgamento se dava por encerrado, eu estava condenado por traição, no mesmo momento fui levado para o encarceramento.

Dessa vez fui atirado em uma cela minúscula, não me restava alternativa além de rezar para que um milagre me tirasse daquela penitência. Não conseguia entender o que aconteceu, quem teria me denunciado como traidor e por quê? Seria alguém querendo se apossar de minhas terras? Algum opositor político? Jamais me passou pela cabeça que eu tivesse sido traído por um dos meus escravos, justamente aqueles que estavam sobre minha proteção.

As horas se arrastavam e os dias se passavam consumidos pelo desespero, o tratamento que davam aos presos era ainda pior do que eu imaginava. Eu já havia perdido a noção do tempo quando um guarda se aproximou da cela ordenando:

— Levante-se! Você será levado para outro lugar!

Esperançoso pela possibilidade de nova defesa, perguntei:

— Poderei falar com o Imperador?

— Você não tem motivos para falar com o Imperador! Ele mesmo já decidiu sua nova moradia.

— Agora chega de perguntas, vamos embora.

Havia se passado quase sessenta dias quando fui transferido, o local para onde fui levado era ainda pior, um calabouço para onde eram levados aqueles que ficariam esquecidos, punição pior que a morte.

Os meses se passavam sem que eu soubesse a quanto tempo estava preso. A cela, que agora era minha moradia, não passava de um pequeno espaço lúgubre, úmido, com pouca ventilação onde se via em um canto uma cama velha empesteadada por pulgas e percevejos, na parede do fundo, uma pequena janela gradeada com vista para uma baía, era minha única oportunidade de ver a luz do dia. A janela era de difícil acesso, pois foi colocada estrategicamente próxima a um buraco no chão que servia de sanitário, esse também era entrada principal de ratos e baratas. Para conseguir olhar pela janela era necessário um

verdadeiro malabarismo, precisava me pendurar na grade, muitas vezes escorregava com os pés na abertura imunda de dejetos, aumentando ainda mais a sujeira que há meses cobria meu corpo.

Uma vez por dia eu recebia um balde com água, que precisava durar até o dia seguinte, não era o suficiente para matar a sede e ainda me banhar, dessa maneira passei meses sem poder tomar um banho e cuidar da higiene.

Em pouco tempo minha aparência mudou tanto que eu estava irreconhecível, barba, cabelos e unhas grandes, o cheiro do corpo era insuportável, eu vivia na total imundice.

Completamente isolado do mundo, meus únicos companheiros de cela eram os roedores, que me visitavam para roubar restos de comida que eu deixava, ou para morder minhas extremidades durante a madrugada.

Sem ter com o que me distrair, tornei-me obcecado pela ideia de descobrir quem havia me denunciado, pensava em amigos, familiares, forçava a memória para lembrar os nomes das pessoas que

frequentavam minha casa, por mais que me esforçasse não conseguia chegar a um nome. Eu me consumia em ódio sem saber ao certo quem odiar, pensei em todos, no entanto, jamais suspeitei dos meus escravos.

Os anos se passavam morosamente, no começo inventava várias formas de passar o tempo, o colchão feito de feno me permitiu vários meses de distração, eu passava as horas retirando e contando os pequenos pedaços de feno, por vezes contava todas as pedras das paredes, teto, chão, depois voltava a contar os pedaços de feno.

Aos poucos fui corroído pelo desânimo, comecei a pensar em uma maneira de tirar minha própria vida, algumas vezes tentei usar os trapos que usava como cobertor para fazer uma forca e assim acabar com meu sofrimento, no entanto, nunca consegui, doente e enfraquecido me faltavam forças.

A cela húmida em pouco tempo me causou sérios problemas de saúde, a comida que serviam quase sempre eram sobras, às vezes estragadas e intragáveis, impossíveis de comer, era comum passar dias e noites sem me alimentar.

Foram muitas as noites que me deitei para dormir rezando para esquecer a fome, delirava e sonhava com um prato farto de arroz e feijão, o desejo desesperador de sentir o sabor de uma porção de aipim e carne, um dos meus alimentos preferidos na fazenda.

Passava alguns dias olhando para meus pequenos companheiros, notava que os ratos mudavam, nunca eram os mesmos, iam e vinham, aqueles pequenos roedores tinham mais liberdade que eu.

Lentamente a insanidade dominava minha mente, passava horas sentado em um canto repetindo as mesmas frases:

— O que fazer? Esqueceram-me aqui! Não quero mais saber de terras! Não quero mais nada nessa vida além da minha liberdade! — Eu imploro! Deixem-me sair um pouco! Quero sentir o sol, a lua, cheirar a terra, pisar na grama, me sentir vivo! Por favor! Os escravos têm mais liberdade que eu, deixem-me sair!

Por vezes adormecia naquele canto enquanto repetia a mesma suplica, acordava horas depois para continuar da mesma maneira.

Quase dez anos haviam se passado, nunca mais soube de minha família ou de qualquer assunto relacionado à minha condenação.

Tomado pela loucura fiz uma nova amizade, certa vez percebi que todas as noites uma mesma ratazana me visitava, aninhava-se próximo a meus tornozelos, era diferente dos outros ratos, aquela não me mordida, então deixei que ficasse, pois aquecia meus pés durante as noites frias, acreditando que aquela pequena criatura era como um ser humano, não queria chamá-la de ratazana, então a batizei como Madame .

Sem que eu percebesse, a pequena roedora fez ninho em um canto da cela, para pouco tempo depois me surpreender com uma ninhada, eram dez pequenos filhotes que se misturavam entre pedaços de pano velhos, feno, e todo tipo de lixo que a mãezinha conseguiu para fazer o ninho. Inicialmente senti nojo daquelas criaturinhas sem pelos e estranhas, mas observando como a mãe mostrava-se cuidadosa com

seus pequenos, notando a demonstrações de afetividade naquela cena me sentia comovido, comecei a sentir admiração pela pequena fêmea, que passei a considerar minha grande amiga. Em completo desatino caí de joelhos na cela, tomado por lágrimas e emoção falava com a pequena roedora:

— Madame! Você é mãe! — Venha aqui minha amiga!

Fui até o canto onde a rata cuidava de seus filhotes e a peguei nas mãos, acostumada a dormir nos meus pés ela se deixou pegar, com carinho alisei sua cabeça.

Rasgando um pedaço das cobertas velhas, fiz para Madame e seus filhotes um ninho mais confortável, e a partir daquele dia a rata e seus filhos se tornaram minha família, todos os dias eu reservava uma parte da minha ração para Madame e seus filhotes.

Estava feliz com as pequenas companhias, contudo, em poucos dias os filhotes se transformaram em grandes ratazanas, não demorou para que me atacassem enquanto eu dormia.

Certa madrugada fui acordado por dores terríveis nos dedos dos pés e calcanhares, eram os filhotes de Madame que tentavam me devorar, sentindo-me traído e irritado comecei a atira-los pelas paredes, os pequenos avançavam sobre mim, foi quando vi que Madame, por algum motivo que até hoje ignoro ela me ajudava, também avançava sobre as ratazanas. Depois de uma luta intensa consegui me livrar dos agressores, alguns atirei pela janela, outros fugiram pelos buracos da latrina improvisada. Vendo-me livre dos pequenos rebeldes voltei a dormir, Madame seguiu-me acomodando-se em meus pés.

Os guardas da prisão, ouvindo o alarde foram verificar o que acontecia, assistindo minha batalha contra os filhos de Madame, divertiam-se com minha loucura, sabiam que eu tinha a rata como uma amiga e cuidava de seus filhotes.

Passaram-se algumas semanas e Madame apresentou-me nova surpresa, era outra ninhada. Dessa vez senti-me profundamente traído, completamente contrariado e perturbado com a

traição de Madame, eu olhava para a rata e seus filhotes e gritava:

— Madame sua traidora! Você emprenhou de novo! Saia já daqui! Não quero vê-la nunca mais!

Tomado pela insanidade sentia-me ultrajado, peguei a rata e joguei-a para fora da cela, consegui ver que ela sumiu no corredor, em seguida gritei para que os guardas viessem até a cela, quando eles abriram a porta, entre risadas e frases desconexas comecei a atirar os pequenos ratos sobre eles, enojados os homens logo fecharam a porta e foram embora, dessa maneira consegui dispensar todos os filhotes.

Poucas horas se passaram e comecei a sentir falta de Madame, dominado pela culpa consumia-me em arrependimento por tê-la atirado para fora da cela, em silêncio rezava para que minha amiga retornasse, fazia promessas, suplicava, tudo que queria era minha companhia.

Passaram-se vários dias, já não esperava mais que ela voltasse, para minha alegria, em uma noite de muito frio, senti que Madame se aninhava em meus pés, contente com o retorno me certifiquei se ela

estava bem acomodada e depois dormi com minha amiga.

Madame foi minha companhia por mais alguns meses, até que certa ocasião saiu para nunca mais retornar, no início sofri com a ausência, me perguntava o que teria acontecido, passei noites aguardando o retorno, sentia falta daquele pequeno ser vivo que se tornou minha alegria naquela cela, por muito tempo fiquei falando sozinho como se Madame ainda estivesse comigo.

Alguns guardas, comovidos com meu estado se apiedaram, as escondidas começaram a me levar bons alimentos, então passei a ter refeições melhores, cortaram meus cabelos, unhas e barba, uma vez por semana me levavam baldes extras de água para que eu lavasse minha cela e tomasse banho. Dessa maneira os anos seguintes foram menos penosos.

Há quase quinze anos privados de minha liberdade, minha saúde estava muito prejudicada, contraí tuberculose, várias infecções de pele, as pontas dos dedos, das mãos e pés foram tantas vezes roídas por ratos enquanto eu dormia que já não cicatrizavam

mais, desenvolveram um tipo de necrose que não se curava, era possível ver os ossos, o corpo consumido pelo raquitismo já não tinha mais forças. Ainda sobrevivi por mais cinco anos nessas condições.

Completamente sem esperanças de rever minha família, ou sentir o sol batendo em eu rosto, em certa noite acometido por intensa crise de tosse, sentia na boca o gosto intenso de sangue, cansado daquela vida deitei-me para aguardar a morte, o corpo estremecia de dor, a cada nova contração golfadas de sangue respingavam sobre a cama. Sentia que aquela condição desumana chegava ao fim, os pensamentos atordoados se enchiam de dúvidas, perguntava-me para onde iria, para o céu? Para o inferno? Fechei meus olhos por alguns momentos, desejava dormir e descansar, respirava com extrema dificuldade, esforçava-me para controlar a tosse, senti que aos poucos as crises cessavam, os pensamentos pareciam ser desfeitos como fumaça, os olhos pesados fecharam-se para não mais abrir, eu abandonava aquele corpo cansado e sofrido.

PARTE II

LIBERDADE ILUSÓRIA

CAPÍTULO I

Retorno a Marajoara

Desencarnado me desvencilhei das correntes da matéria, parado ao lado da cama olhava para o corpo cadavérico que em nada lembrava o homem forte de outrora, a carcaça decrepita era apenas pele e ossos. Por vinte anos fiquei esquecido naquela masmorra, com sessenta e três anos de idade, um terço da minha existência foi consumido por aquelas grades e paredes que agora não podiam mais me prender.

Acreditando ser um fantasma estava certo de que poderia atravessar as grades, no entanto surpreendi-me, pois indo de encontro a porta senti a matéria que continuavam a me prender naquela cela. Sem entender por que não conseguia sair sentia-me angustiado e ansioso, sequer imaginava que meu materialismo é que tornavam as paredes um obstáculo. Buscando uma forma de sair pensava:

— De que adianta estar morto se continuo preso aqui? —Mas que diabos! Vou ter que esperar alguém abrir essa porta! Pois aguardarei, em algum

momento terão que abrir para retirar o corpo podre!
— Eu achava que fantasma atravessavam paredes!
Que decepção!

Sem opção sentei-me no canto da cela, esperei pacientemente, imerso em pensamentos percebi a sombra de um dos guardas noturno que passeava em ronda, gritei tentando chamá-lo, mas foi em vão, pois não me ouviu, irritado aproveitei-me da situação, lancei inúmeros improperios que também não foram ouvidos, afinal, já estava morto, o que mais poderia me fazer? O guarda aproximou-se da cela, olhando para a cama onde o corpo estava imóvel não conseguia me ver ou ouvir enquanto eu lhe falava insultos aos ouvidos, ao mesmo tempo em que rogava:

— Abra essa maldita porta! — Quero sair!

Convencido de que eu havia morrido o homem retirou-se para pouco tempo depois retornar acompanhado por outro guarda, os dois teciam comentários debochados a meu respeito:

— Esse foi tarde! Como pôde viver tanto tempo nessas condições? — Com tuberculose, os bichos lhe comendo vivo, eita bicho forte!

Concordando o outro respondeu:

— Esses nordestinos são fortes mesmo! —
Enfim, chega de prosa! Vamos tirar esse velho daqui.
—Você se encarrega do corpo, jogue-o no mar, não terá dificuldade, pois não deve pesar mais que trinta quilos, enquanto isso eu cuido da papelada.

Aproveitando-me que a porta foi aberta saí da cela, acompanhando o guarda que removia o corpo consegui chegar até a rua.

Era o ano de 1844, por volta das vinte e uma horas saí da prisão. Ao pisar nos paralelepípedos, senti a umidade, o frio parecia envolver todos os meus ossos, sentia fortes dores no peito e a tosse não cessava, continuava escarrando sangue, a fome, sede e mal-estar eram as mesmas de quando estava vivo, não entendia como um fantasma podia sentir tudo aquilo. Caminhando sem rumo me perguntava:

— Qual será o meu fim! — Será que Deus ou o capeta vem pegar? — Antes quero saber quem me traiu! Agora vou atrás da verdade!

Assim decidi retornar a minha propriedade, na condição de espírito ainda muito materializado não

tinha outra opção além de me locomover como encarnado e, para chegar à fazenda usei todos os tipos de transporte, caminhava longas distâncias, pegava caronas em carruagens. Não demorou muito para que eu percebesse que outros como eu perambulavam pelas ruas, entravam e saíam das casas, comércios, muitos desses se aproximavam dos encarnados para se alimentar do ectoplasma, observando como faziam logo aprendi o método, me mantendo nessa condição passei por Minas Gerais, Bahia, atravessei a região do Nordeste, percorri mais de 2500 quilômetros.

Durante esse longo caminho eu presenciei situações jamais imaginadas, muitos desencarnados caminhavam sem rumo, tomados por algum tipo de transe pareciam mortos vivos, outros eram açoitados e escravizados por entidades sombrias que os submetiam aos seus gozos e necessidades. Cruzei com multidões de espíritos de negros, escravos que procuravam vingança. Aprendi a identificar escravizadores que buscavam recém-desencarnados, mendigos, transeuntes, prostitutas, para transformá-los em prisioneiros e servidores. Muitas almas penadas

que se alimentavam do ectoplasma de qualquer encarnado que encontravam pelo caminho, parecendo vampiros comuns às mitologias ou filmes.

Para evitar problemas eu seguia meu caminho sem olhar para trás, sempre atento desviava de qualquer espírito que pudesse ser um dominador, isso nem sempre era possível e alguns notavam minha passagem, chamavam-me entre insultos, eu fingia não ouvir, seguia meu caminho, pouco me importava com as ofensas, não pensava em outra coisa além de descobrir quem havia me traído, andava completamente absorto pela ideia fixa de pegar o traidor.

O tempo passava, já fazia quase um ano que havia iniciado a peregrinação rumo a Marajoara.

Finalmente me aproximava da fazenda, de longe pude notar que a paisagem estava muito diferente, pouco tempo depois entrava na casa grande, meu antigo lar, sem ser visto pelos moradores da casa perambulava a procura de informações, logo encontrei alguns escravos desencarnados que se mantinham junto à família em busca de vingança, por meio deles

descobri que o lugar agora pertencia a um visconde que nunca conheci, todos os escravos que viviam sobre minha proteção haviam morrido por castigos, vendidos ou trocados. Minha família foi expulsa da fazenda e ninguém sabia dizer onde estavam.

Aos poucos minhas esperanças desapareciam, sem informações jamais conseguiria descobrir quem me traiu. Sentado na varanda da casa grande pensava em uma maneira de encontrar pessoas que pudessem me dar as informações corretas, mergulhado em pensamentos fui interrompido por uma voz que carinhosamente me perguntou:

— É vosmecê sinhozinho?

Olhei pra o homem parado a minha frente, mas não reconheci. Aquele era um dos escravos que viveu sobre minha proteção, o conheci muito bem, no entanto, dominado pela confusão mental não conseguia lembrar, agora muito mais velho do que estava quando fui levado da fazenda, mostrava os cabelos brancos, pele enrugada, caminhava devagar, corpo arqueado, o rosto demonstrava serenidade

jamais vista. Se aproximando com um largo sorriso o negro continuou:

— Se lembra de eu? É o negro Tobias! Trabalhei para vosmecê quando era o dono dessas terras. — Eu tô é feliz de ver vosmecê aqui!

Não conseguia lembrar, e não entendia por que aquele homem era tão diferente de todos os desencarnados que encontrei até aquele momento, não carregava o aspecto doentio, débil, ou revoltado, dessa maneira acreditei que estivesse vivo e intrigado, perguntei:

— Eu morri! Você está me vendo? Como pode ver?

Pensei que estava ficando louco, Tobias mantendo-se calmo e sereno continuou:

— Não se lembra de eu sinhozinho? Tu sempre foste um homem bom, nunca fui tão feliz como em sua época! — Depois que o sinhozinho foi embora as coisas ficaram muito difíceis! — O que o sinhô está fazendo aqui?

Ouvindo a fala suave, as palavras amigáveis, como um raio veio-me a lembrança, entusiasmado por rever o escravo gritei:

— Nego Tobias! — Agora me lembro de vosmecê! Mas tu era novo!

O negro sorrindo respondeu:

— Eu sei que era novinho! É que o homem tem que ficar velho não é mesmo! Eu vim a falecer quando já estava muito velho.

Sentando-se ao meu lado Tobias continuou:

— Mas eita que saudade de vosmecê! Pena que sinhozinho não parece bem, até parece um defunto!

Sorrindo com satisfação Tobias parecia tentar atenuar meu estado de sofrimento, em tom de brincadeira falou:

— Eita que sinhozinho parece estar podre! — Será que é um morto ou um vivo podre?

Olhei para meu corpo, Tobias estava certo, eu parecia um morto vivo, entristecido respondi:

— Pois é! Não estou tão bem quanto vosmecê, não entendo como as coisas acontecem desse lado. — Vosmecê pode me ajudar?

Assentindo com a cabeça Tobias olhava-se com ternura, confiando no amigo que reencontrara fiz o apelo:

— Eu preciso saber de algo! Quando eu era o dono dessas terras dei o melhor de mim para vosmecê e os outros escravos, agora preciso de sua ajuda! Tem que me ajudar! — Negro Tobias, vosmecê sabe me dizer quem é que armou um plano contra mim?

Olhando-me nos olhos o negro respondeu com seriedade:

— Eu lhe digo meu caro amigo! Mas não vai fazer grande diferença, pois ele morreu há muito tempo, uma morte muito triste sinhozinho! Morreu feito um porco no abate — Agora vive em zonas escuras e terríveis, lugares que o sinhozinho não tem ideia do sofrimento!

Ansioso por esclarecimentos, eu interrompi:

— Tobias quem me denunciou as autoridades? E quem levou ele? Foi o capeta?

— Foi José, um dos escravos da fazenda, e não foi o capeta que o levou! Ele mesmo se levou para esse local sombrio, onde não passa nem um raio de luz! —

É para lá que vão aqueles que se recusam a seguir os ensinamentos de Cristo, os que se revoltam, matam, vingam...

Sem me deter na essência do que Tobias tentava me transmitir, mais uma vez interrompi:

— E onde é esse lugar? Pode me dizer? —
Como posso encontrar o traidor? — E tu o que fazes por aqui?

Pacientemente Tobias tentava responder meus questionamentos:

— O lugar para onde ele foi se chama umbral, o mesmo lugar que o sinhozinho chama de inferno. —
Eu sempre venho consolar meus irmãos que ainda estão presos na carne, que hoje enfrentam a extrema dor que escravidão oferece.

Dando uma pausa Tobias mostrou-se pensativo, olhando-me caridade continuou:

— Não vou dizer onde ele está! Sinhozinho, tu és melhor do que isso! Sempre foi homem bom, é filho de Deus, vingança só te trará dor e sofrimento. —
Siga teu caminho, deixe para trás o que já passou. Deus nosso pai em sua infinita sabedoria deu a todos

os homens a liberdade para plantar e colher seus próprios frutos, sejam eles doces ou amargos. Esse homem que lhe traiu está colhendo o que plantou. — Meu sinhozinho, ouça esse preto velho, a Lei Maior levará esse espírito a redenção de suas atitudes perversas, deixe ele de lado, não se aproxime das zonas mais baixas.

Tobias calou-se, dando-me algum tempo para assimilar suas palavras, envolvido no desejo de saber quem era o homem que me traiu argumentei:

— Sim negro Tobias, mas quero vê-lo! Quero saber por que me tirou tudo que eu tinha!

Tentando mais uma vez avivar a fé e o perdão em meu coração ele enfatizou:

— Sinhozinho! Meu irmão! Eleve sua fé em Cristo! Afinal! Não eras tu que ensinava que devíamos nos amar como irmãos? Não foi tu que nos ensinou os preceitos Cristãos?

Inconformado não conseguia aceitar a ideia de continuar sem pedir explicações ao escravo que me traiu, queria saber por que me delatou quando eu fazia tudo que podia para protegê-los, envolvido pelo desejo

de vingança, sentia o ódio me dominar por completo, a mente fixa no homem que precisava ser punido, cansado e enraivecido falei com a voz embargada de ira:

— Sim negro Tobias eu ensinava vocês sobre o amor de Cristo! Mas minha raiva, meu desejo de vingança estão acima de tudo! Não consigo me desvencilhar do sentimento de ódio que ocupa minha alma! Vou atrás desse homem! Quero saber por que me traiu!

Enquanto falava mantinha a mente fixa no escravo, pronunciei aquelas palavras com tanto ódio e desejo de vingança, que prontamente o magnetismo me trouxe para as zonas profundas do umbral, a mesma região onde estava José.

CAPÍTULO II

Amarga Vingança

O cenário da fazenda, a figura do bom Tobias foram substituídos por um vale sombrio, a imensidão sem fim coberta por nevoas representava a desolação espiritual daqueles que se encontravam apartados da fé e amor. O local povoado por espíritos sofredores que se afundavam na lama imunda que cobria seus corpos. Deparei-me na mesma situação daqueles miseráveis, coberto por lodo não conseguia me movimentar, sentia a viscosidade entre meus dedos, o cheiro horrível penetrava minhas narinas causando náuseas. Perguntava-me que lugar era aquele.

Com as poucas forças que me restavam consegui me desvencilhar do lodo que me envolvia todo o corpo, imediatamente comecei a procura por José, estava determinado a encontrar aquele que em minha concepção era o culpado por toda desgraça que passei.

Caminhava pelos charcos viscosos, por vezes caía para prosseguir me arrastando, os pensamentos fixos repetiam a mesma frase:

— Eu te encontrarei nem que seja no mais profundo dos infernos!

O desejo de vingança me motivava a continuar a jornada por aquele lugar asqueroso e sinistro. No início achei que era o inferno, me confundia entre a realidade que experimentava e as crenças católicas, que descreviam o inferno como um lugar tomado por um mar de lavas, labaredas de fogo, comandado por um capeta com tridente que torturava os pecadores. O cenário com o qual me deparava era totalmente diferente, um lugar frio, a sensação era de que meus ossos congelavam, não se via a menor réstia de luz, apenas um gigantesco lamaçal coberto por escuridão. A sensação de sofrimento e angústia pareciam palpáveis, ouvia-se gemidos que ecoavam por todos os lados, aos poucos toda aquela dor e medo pareciam penetrar minha alma.

Os sintomas da tuberculose ainda persistiam, causando-me dores terríveis, caminhava com mais

dificuldade, pois sentia os calcanhares extremamente doloridos. Olhava para meu corpo, os braços em estado de putrefação sendo devorado pelos vermes, sentia que devoravam minha carne. Mesmo desencarnado, consciente de que estava morto, ainda sentia todas as agonias particulares ao corpo físico, era um cadáver ambulante. A sensação é inexplicável para qualquer ser encarnado.

Eu imaginava que em algum lugar havia uma porta que me levaria novamente para crosta terrestre, por um ano perambulei pela escuridão, procurando por aquele escravo que me fizera tanto mal, e pela saída daquele lugar. Durante esse tempo presenciei acontecimentos estarrecedores, a zona era habitada por diversos escravizadores que barbaramente torturavam suas vítimas, isentos de qualquer sentimento de piedade cometiam todos os tipos de crueldade, por todos os cantos era possível avistar um escravo colocado no tronco, acorrentado, açoitado, submetidos a tormentos constantes que pareciam nunca ter fim.

Assistia aquelas cenas com profunda tristeza, me perguntava por que tanta crueldade, por que eu, um homem que sempre foi contra esse tipo de violência agora se encontrava naquele lugar, não havia compreendido que o ódio e desejo de vingança foi o que me levaram para aquela zona repleta de sofrimento.

Desnortado caminha sem ter ideia de quanto tempo já havia se passado, avistando mais um escravizador reconheci nele a figura de um conhecido, era Alcântara, quando encarnado foi senhor de engenho, frequentávamos os mesmos círculos sociais. Parado olhava para aquele homem que continuava praticando as mesmas torturas que se cumpriam em sua fazenda, lembrava-me dos tratamentos que atribuía a seus escravos, fato que muitas vezes me causaram revolta, pensava no quanto o mundo dava voltas, tantos anos se passaram, os dois haviam morrido para se reencontrar naquele lugar. Será que ele sabia que estava morto?

Aproximei-me de Alcântara enquanto ele massacrava o escravo, dominado pelo prazer que a

tortura lhe proporcionava, mostrou-se surpreso quando lhe falei:

— Ora, ora! Olha quem está aqui! O que estas a fazer? Já não foi o bastante as atrocidades praticadas em sua fazenda? Vejo que deu continuidade!

O homem encarando meu rosto cadavérico respondeu:

— Seu almofadinha filho de uma figa! O que faço não é da sua conta! Esse maldito é escravo fugitivo da minha propriedade, me pertence! Se eu quiser eu o esquartejo ou mato a chibatadas! Vá cuidar das suas terras!

Continuei olhando Alcântara enquanto ele chicoteava o escravo que soltava gritos de dor, a cada novo golpe sentia que a raiva me dominava, era como se o ódio se tornasse fogo a percorrer meu corpo.

Aproximei-me um pouco mais do homem, que parando me respondeu com desprezo e arrogância:

— Mas o que queres senhor Barão? Não consegue ver que estou ocupado?

Disfarçando o ódio que dominava, respondi com cordialidade:

— Desculpe meu velho amigo! É com todo respeito que interrompo! Quero ajudá-lo! Vejo que não leva jeito com o chicote! Se me permitir quero ensiná-lo a arte da tortura!

Confuso o homem perguntou:

— Por que não levo jeito? Achas que bato muito rápido?

— Me permite? Posso pegar seu chicote?

Satisfeito o homem me estendeu a mão com o chicote:

— Sim! Pois não Barão! Aqui está, faça boa serventia!

Tomei o chicote de Alcântara, fui até o escravo que permanecia preso ao tronco, olhei em seus olhos estáticos de medo, soltei suas amarras e disse-lhe ao ouvido:

— Querido irmão, não sei o que deve a esse homem, conversaremos sobre isso depois. — Peço que, por gentileza aguarde enquanto ensino seu amo a lidar com a chibata.

Alcântara percebendo que eu soltava o escravo argumentou:

— Barão! O que o senhor está fazendo? Está libertando meu escravo?

Aproximei-me do velho fazendeiro, rente ao seu ouvido falei com cavalheirismo e sarcástica doçura:

— Não queres aprender a arte de chicotear? Pois então meu amigo, vou ensinar-lhe!

No mesmo instante agarrei-o pelo pescoço, com uma força descomunal arrastei-o até o tronco onde bati sua cabeça, de alguma maneira que eu não sabia como, conseguia manipular energias que o mantinham imobilizado, usando as cordas que antes prendiam o escravo amarrei suas mãos e pernas ao tronco, rasgando as roupas deixei as costas expostas.

Alcântara em estado de pânico, tomado por medo gritava:

— Louco! Louco! Não sou negro e nem fugitivo! O que vai fazer?

Novamente lhe falei ao ouvido:

— Ora, ora! Não queres aprender como se faz a coisa? Deixe-me ensinar!

Levantando a chibata iniciei aquilo que eu julgava ser uma lição, dei-lhe uma, duas, três investidas

com toda a força, o homem aterrorizado gritava sem parar.

Conforme lhe ministrava o corretivo sentia que grande conflito se manifestava em meu ser, parte minha queria parar, outra, consumida pelo ódio desejava acabar com o homem, enquanto encarnado não podia fazer nada enquanto ele torturava aqueles negros, mas agora queria vê-lo pagar! Sentia minha cabeça girar, lembrava-me de todas as atrocidades que assisti Alcântara praticar contra os escravos, cenas que vinham em minha mente aumentando o sentimento de ódio, fazendo com que chicoteasse com mais violência, por meio de continuas e incessantes chibatadas desfazia-me daquele sentimento que pesava em meu coração, sentia um tipo de prazer ao extravasar toda raiva que sentia. Ouvindo os gritos de Alcântara lhe perguntei:

— Estas gostando? E agora o que acha da chibata? Vamos repetir o que você fazia em sua fazenda? Vou bater até quebrar um osso! E quando quebrar vou bater mais para ver até onde aguenta! — Não era isso que você fazia com aqueles miseráveis?

Continuei as investidas até ouvir um estalo, seguido por um grito de dor. Ironicamente perguntei:

— Será que quebrou o chicote? Ou foi um osso?

Alcântara estava praticamente inconsciente, consumido pela raiva não me comovia com o estado do homem, quando levantava o braço para próxima chibatada senti que uma energia segurava minha mão, paralisado ouvi que alguém me falava:

— Por que faz isso? Tu és um bom homem? Esse em quem você bate não lhe deve nada! E mesmo que devesse não tens o direito de açoitá-lo!

Varei-me para ver quem falava, no entanto, não avistei ninguém. Atirei a chibata no chão lamacento, aproximei-me do velho falando:

— Espero que a lição de como usar a chibata tenha lhe ajudado! Tenha uma boa noite e fique com Deus!

Naquele momento as amarras cederam, o velho saiu cambaleante para logo desaparecer na escuridão. Eu acreditava que a lição faria com que o velho nunca mais praticasse maldades a outro escravo.

Olhei para o escravo que mostrava o rosto espantado, com austeridade falei:

— Se estás nessas zonas escuras é porque também não é flor que se cheire! — O que fez de errado para aquele velho?

Acuado o negro respondeu:

— Não fiz nada não sinhozinho!

— Irmão! Eu sei que estás mentindo! Por que não me conta a verdade? Eu te libertei, agora me conte o que andou aprontando!

— Já lhe disse sinhozinho! Não fiz nada! O que um escravo poderia fazer contra um senhor de engenho?

Mostrando desagrado respondi pausadamente:

— Então está certo! Não fez nada!

Enquanto falava direcionei a mão em direção ao chicote que repousava no chão lamacento. Olhando fixamente nos olhos do escravo interroguei:

— Tem certeza de que não fez nada? Vamos fazer do jeito mais fácil ou mais difícil?

Os olhos do escravo arregalaram-se de medo, imediatamente colocou-se de joelhos implorando:

— Eu falo o que quiseres, mas pelo amor de Deus não me bata!

Enquanto o homem rogava por piedade notei que uma luz surgia em seus olhos, uma pequena fagulha que eram os primeiros sinais de arrependimento. Assumindo as faltas cometidas o escravo confessou:

— Sinhozinho, fiz muitas coisas para aquele homem, já não lembro de todas, posso lhe contar aquelas que me lembro, mas por favor, a chibata não!

Soltei a chibata no chão, em seguida, um pouco mais tranquilo o negro iniciou:

— Como escravos éramos maltratados, passávamos muita fome, roubei muitas vezes, surrupiava comida, galinhas, roupas, joias e tudo que podia alcançar, escondia e trocava por outras coisas que eu podia usar.

Ainda olhando fixamente para seus olhos perguntei:

— E você dividia com seus irmãos de senzala aquilo que roubava? As comidas, galinhas?

— Não sinhô, eu escondia e comia sozinho!

Percebi que aquele homem era apenas um ladrão de galinhas, no entanto, mostrava-se egoísta e mesquinho, querendo saber um pouco mais perguntei:

— Você sabe onde está filho?

— Oxee!! Estamos no Maranhão sinhozinho! Estamos em um pântano, não lembro como vim parar aqui!

Dando uma gargalhada respondi:

— É um pobre coitado mesmo! — Olhe para mim filho, não vê nada de estranho? Não se dá conta que aqui não tem luz do dia? Não percebe que está morto e no inferno? — Olhe com atenção! Diga-me, o que está vendo?

Coçando a cabeça, mostrando-se confuso me respondeu:

— Vejo um sinhozinho bom que me livrou da chibata!

Aproximei-me um pouco mais do escravo:

— Olhe para mim, repare melhor meu filho! Não nota nada de diferente na minha aparência? Diga o que realmente está vendo?

Mostrando-se constrangido ele respondeu vacilante:

— Se o sinhô insiste então eu falo! Mas promete que não vai me bater?

— Prometo que não vou lhe dar chibatadas, estou aqui para te livrar do pesadelo que está vivendo!

Encolhendo-se como quem tenta se proteger o escravo amedrontado falou:

— Tá bom! Eu lhe digo! O sinhozinho parece um velho podre e catinguento! Foste tu que pediste para eu dizer a verdade!

Sem me ofender com a confissão respondi:

— Filho, vou te mostrar algo a mais! Abri a capa que cobria meu tórax, e lhe mostrei o corpo cadavérico.

No mesmo instante o escravo disparou em corrida pela escuridão, corri atrás até alcançá-lo, segurando em seus braços lhe disse:

— Tenha calma meu filho! Desculpe! Não queria assustá-lo, olhe para mim novamente e diga o que está vendo!

Apavorado o negro balbuciou:

— Sai de reto satanás!

— Não sou o satanás! Sou um senhor de engenho como aquele que te chicoteava! — Olhe para sua situação meu filho! Não é muito diferente da minha!

Ele olhou para o próprio corpo e percebeu que seu estado era parecido com o meu, ambos cadavéricos e apodrecidos, a imagem o deixou paralisado. Esforçando-me para ajudá-lo a compreender a realidade em que estávamos continuei:

— Tenho algo a mais para lhe dizer, é uma triste notícia! Estamos mortos! E tem mais! Estamos enjaulados no inferno! Seus roubos e suas atitudes egoístas te trouxeram para esse lodaçal escuro, eu chamo de inferno, é um pouco diferente das escrituras, pois até agora não encontrei o capeta ou rios de lava, mas deve estar próximo!

O escravo ficou estático, atormentado com a triste verdade não esboçava reação, por mais algum tempo tentei remove-lo daquela inércia, mas nenhuma palavra surtia efeito, percebendo que não podia ajudá-

lo, parti sem rumo, voltei a caminhar sem saber para onde ir.

Aquele lugar parecia um labirinto sem fim, cansado e sem forças, quando encontrava alguma pedra me sentava, refletia enquanto olhava para aquela paisagem morta. Logo as lembranças do traidor me voltavam a mente, o ódio revigorava minhas forças, me levantava, arrumava minhas vestes, cobria meu corpo com a capa, e seguia caminhando pela escuridão.

Assim foi por muito tempo, parecia uma caminhada infinita, sempre com dores terríveis, minha aparência se tornava assustadora, parecia-me com um monstro, os cabelos e unhas grandes. Cruzava com multidões de espíritos sempre assustados, vários mergulhados e presos no lodo fétido, sempre os ignorava, não queria conversa. Aos poucos passei a me culpar por estar naquele lugar, foi meu desejo de vingança que me levou para aquelas zonas, no entanto, continuava firme em meu propósito de encontrar o traidor.

Certa vez enquanto perambulava, me deparei com mais uma cena de tortura, um ser trevoso com vestes antigas, parecendo egípcias, açoitava um escravo, intrigado com a aparência daquela criatura, parei para observar o que acontecia, para minha surpresa, era José que gritava enquanto era massacrado.

Aproximei-me do opressor, com cautela e reverencia perguntei:

— Cavalheiro, vejo que estás muito ocupado com esse trabalho tão dignificante. Peço desculpas, fiquei interessado em saber o que essa criatura lhe fez para estar levando tantas chibatadas nas costas?

Voltando-se para mim a criatura me olhou de cima a baixo, mostrando desinteresse respondeu:

— Esse miserável me deve! É uma dívida de outra vida. — Por que queres saber?

Sequer podia imaginar, aquele ser trevoso podia ler meus pensamentos, assim que me aproximei ele já sabia o que eu queria. Percebendo que eu e aquela criatura tínhamos algo em comum continuei:

— É curioso! Temos algo em comum, este negro que tu açoitas também me deve! — Eu poderia ter um dedo de prosa com essa criatura, me dá essa permissão?

Mostrando-se desconfiado o escravizador perguntou:

— Mas quem é você? E o que ele lhe fez?

— Fui em Barão, ele era meu escravo, descobri que ele me traiu e ainda influenciou outros escravos, arruinou minha vida, me tirou tudo que eu tinha.

Sorrindo com satisfação ele consentiu:

— Siga em frente cavalheiro! Converse com ele o tempo que quiser, depois continuamos com nossa conversa.

— Agradeço a gentileza, continuaremos nossa prosa em outro momento.

Aquele era o momento que tanto aguardei, finalmente encontrei o traidor que estava totalmente desfigurado. Entorpecente ódio me dominava, agarrei o escravo com minhas unhas grandes que atravessaram seu corpo espiritual. Olhando em seus olhos falei:

— Seu traidor! Que mal lhe fiz? Maldito sejas tu! Meu ódio me domina e minha vontade é de te açoitar infinitas vezes! Como pudestes fazer isso comigo? Maldito sejas!

Naquele momento lembrei-me de todo sofrimento que vivi naquela cela, sentir as unhas lhe atravessarem já não era o suficiente, queria explodir seu crânio com minhas mãos. Alucinado pela dor moral que sentia gritei:

— O que eu faço com tu? Estou enlouquecendo! Me tornei um monstro! Sinto-me doente, com dores, fome, esse lugar imundo em que vim te procurar, é tudo culpa sua! Acabastes com minha vida!

Ele me olhou com lágrimas nos olhos, atordoado com as açoitadas que levava falou com dificuldade.

— Sinhozinho! Eu duvidei de sua bondade e honestidade, acreditava que suas atitudes eram falsas, nunca tinha visto um homem branco tratar bem os negros, eu me sentia inferior!

Chorando José confessava seu crime:

— Me aproveitei de sua ingenuidade e planejei tudo! — Convenci meus irmãos a participarem de um plano, em momentos de visitas na fazenda fazíamos comentários que pudessem ser ouvidos. — Queríamos a fazenda para transformá-la em um quilombo. — Me perdoe! Não sei mais o que sou! Sinto-me em pedaços!

Não sabia o que fazer, olhei para José e suplicando falei:

— O que vou fazer? Perdi tudo que eu tinha por sua culpa! Deveria pegar aquela chibata e acoitá-lo até quebrar seus ossos! — Deveria te perdoar, mas não consigo fazer isso! Não consigo! Meu coração não deixa! — Sei que a vingança não vai trazer de volta tudo que perdi, não me levará para casa, mas meu ódio não deixa perdoar!

Naquele momento lembrei do negro Tobias e chorei como uma criança, sentia vontade de abraçar aquele escravo, mas a raiva não permitia. Convencido de que a única maneira de me livrar daquela dor era me vingando, fui até seu escravizador e pedi:

— Esse homem me deve, deixe comigo essa chibata que eu resolvo isso!

Satisfeito a criatura respondeu:

— Pode ficar com ele! Esse trapo humano já não me serve, não quero perder mais tempo com essa criatura insolente.

Peguei a chibata, senti que minhas forças se renovavam, a vontade de destrinchar José era enorme. Quando levantei a mão para dar o primeiro golpe lembrei-me que sempre fui um bom Cristão, nunca havia chicoteado um escravo, antes que batesse em José soltei a chibata no chão. Imerso em sentimentos conflitantes gritei:

— Maldito sejas! Não sei se o que fala é verdade ou mentira, e já não me importa pois não mudará minha situação!

Em seguida soltei as algemas que prendiam as mãos do escravo e o libertei. Imediatamente seu obsessor do passado veio até mim pedindo explicações:

— Senhor barão, por que não açoitas e destrói a vida desse maldito?

— Mas que vida? Esse homem já pagou o que devia, não tenho vontade de impor ainda mais

sofrimento, deixe-o a própria sorte, nunca fiz mal a um escravo, não farei agora. Olhe o estado em que me encontro! Não quero decair ainda mais!

Dando as costas irritado antes de sumir nas sombras a criatura das trevas falou:

— Tenho coisas mais importantes para fazer, não quero perder mais tempo açoitando esse verme, que procure sua própria sorte.

Livre, mas ainda atordoado José me perguntou:

— Por que fizestes isso? Poderia ter me chicoteado ainda mais!

— Se eu te castigasse estaria sendo hipócrita! Não foi eu que ensinei tu e seus irmãos deveriam amar uns aos outros? Me fizestes muito mal, mas o que não quero para mim não posso fazer ao meu próximo.

Em seguida o escravo saiu correndo na escuridão, eu me sentei em uma pedra e comecei a refletir sobre tudo que aconteceu em minha vida e após o desencarne. Pensava em como sair daquele lugar, lembrava da força que segurou minha mão e me falou a consciência quando eu chicoteava o velho

Alcântara, apesar de não ter visto tinha certeza de que alguém esteve comigo naquele momento.

CAPÍTULO III

Das Trevas para Luz

Já não via mais sentido em continuar naquele lugar, sem saber para onde ir continuei a caminhar sem destino. Dessa vez fui tomado por uma sensação de desalento, as dores pareciam piores que nunca, o sentimento de ódio que alimentei contra José era o que me dava forças para continuar, e esse já não existia mais, mal conseguia me manter em pé, enquanto me arrastava chorava chamando por Deus. Eu sabia que foi o desejo de vingança que me levou para aquele lugar, aos poucos minha consciência clareava, sentia o remorso, e a angústia que me consumia, o coração tomado por tristeza me levaram a oração sincera que fazia pequena luz emanar de meu corpo. Esgotado não consegui mais caminhar, completamente entregue a dor tombei na lama, só conseguia suplicar e orar pedindo perdão a Deus, reconhecendo meus erros implorava misericórdia, já não suportava mais, sentia que tudo desaparecia, como se profundo sono me envolvesse fechei os olhos entregue ao cansaço.

Não sei quanto tempo passei caído, inconsciente naquele lamaçal, quando acordei senti que conseguia me levantar, continuei a caminhada, mas dessa vez em constante oração e súplica.

Desesperado naquela escuridão sem fim, sentia que minhas forças mais uma vez se esgotavam, chorava enquanto lutava para me manter em pé, quando caí novamente com o rosto na lama notei que havia um homem parado a minha frente, coberto por uma capa e capuz, não conseguia ver seu rosto, mas era diferente daqueles que caminhavam na escuridão. Agachando-se ele levantou minha cabeça, limpou meu rosto lamacento e deu-me água, senti que minhas energias se renovavam, com a ajuda do bem-feitor consegui me sentar em uma pedra, tentava ver seu rosto, mas não conseguia, colocando-se ao meu lado ele falou:

— Vejo que está melhor Antônio.

— Como sabe meu nome? Te conheço de algum lugar?

— Na verdade conhece sim, mas a história é longa, está muito fraco, necessita de ajuda, é um bom

homem e já não precisa continuar sofrendo nessas zonas do umbral.

— O que é umbral? O que está dizendo? Se refere ao inferno?

— Sim meu caro amigo! Os seres da terra deram o nome de umbral, nós chamamos de plano astralino, o inferno que conhece pela Bíblia foi só um meio que a igreja encontrou para colocar medo nos fiéis, desviá-los dos pecados. Aqui, nessa região não existem diabos com chifres, rios de fogo, labaredas, aqui é apenas uma zona purgatória habitada por espíritos que sofrem pelas atitudes causadas na terra. Esse é um vale plasmado por resíduos mentais dos espíritos sofredores que aqui se encontram e juntos criam um ambiente inóspito, escuro, lamacento, isso que te cerca.

Dando uma pausa o homem continuou:

— Antônio, cabe a você decidir se quer continuar se arrastando por essas zonas ou quer uma oportunidade para reparar os erros cometidos e ajudar outros irmãos que se encontram em situações parecidas e até pior que a sua.

Sem pensar duas vezes respondi com ansiedade:

— Faça qualquer coisa de bom coração! —
Farei com o mesmo amor que sempre tive por Deus,
mas por favor me tire dessa zona escura!

O homem de capa escura me abraçou fraternalmente e disse com carinho:

— Meu velho amigo! Teu tempo de sofrimento acabou, logo saberá quem sou eu, te levarei dessa escuridão, iras para um lugar onde receberá atendimento hospitalar, a fim de recuperar suas energias vitais e espirituais. E quando estiver pronto estarei novamente em sua presença.

Quando me abraçou eu senti que o conhecia de algum lugar, me apoiando em seu ombro consegui me levantar, prontamente vi dois cavaleiros com botas e vestes que lembravam as épocas das cruzadas, traziam uma maca onde fui colocado com todo cuidado, meu corpo estava tão pequeno que parecia uma criança.

Antes de partir eu lhe disse:

— Caro amigo, posso lhe pedir um favor? Pode me ajudar com essas dores que sinto em meus calcanhares? Não aguento mais essa dor insuportável que me acompanha a tanto tempo!

O homem de capa escura me olhou e prontamente respondeu:

— Meu velho amigo, a dor em seus calcanhares vem da sua própria criação mental, pode ver o que tem em seus pés?

Olhei atentamente e me assustei, percebi que meus pés estavam tomados por ratos, grudados em meus calcanhares me acompanharam desde que saí daquela masmorra, imediatamente comecei a bater enquanto gritava:

— Seus miseráveis! Caminharam comigo todo esse tempo! Como pode isso?

Tentando me acalmar o bem-feitor explicou:

— É simples meu velho amigo, seu desencarne foi muito penoso, a impressão persistiu depois da morte do seu corpo físico, continuou sentindo as dores, inclusive os ratos que por anos lhe mordiscaram os pés e mãos! Agora ficará tudo bem.

Colocando a mão sobre minha cabeça projetou uma luz verde que me fez adormecer profundamente.

Quando acordei estava em um quarto com aproximadamente cinquenta metros quadrados, muito parecido com uma enfermaria, notei que vários leitos estavam ocupados por irmãos que se mantinham em sono profundo, alguns gemiam, pareciam atormentados por pesadelos. Ao meu lado direito observei um nobre cavalheiro aparentando cinquenta anos, ao meu lado esquerdo uma mulher jovem, muito bonita com aproximadamente vinte e cinco anos. Percebi que pessoas vestidas de branco circulavam entre os leitos, espalmavam as mãos sobre os enfermos e lhe aplicavam energias que saiam em forma de luzes coloridas penetrando os corpos em estado cadavérico.

Observava a tudo atentamente, não entendia que procedimento era aquele, alguns irmãos após receberem as luzes coloridas ficavam petrificados como se acabassem de receber uma descarga elétrica, tremiam para em seguida relaxarem e voltarem ao sono profundo.

Surpreendi-me ao ver a meu lado um homem de branco que me olhava com benevolência, antes que pudesse falar ele me aplicou as luzes, no mesmo momento senti-me tomado por um sono profundo. Depois de algumas horas despertei, sentia-me mais forte e já podia levantar o tórax, agora com vestes limpas, e alvas me sentia renovado. Olhei para meu companheiro de leito e notei que parecia melhor, mas ainda respirava com dificuldade, a moça continuava em sono profundo.

Percebendo que eu o observava o homem perguntou com dificuldade:

— Quem é o Senhor?

— Sou Antônio, a seu dispor! E vosmecê, qual é sua graça?

— Me chamo Manoel.

— É brasileiro senhor Manoel?

— Não! Sou de Lisboa.

E em tom de brincadeira lhe perguntei:

— Então és de Portugal! Tu falas pois, pois?

Sorrindo Manoel respondeu:

— Falo, pois, pois! E falo o que mais o senhor quiser, pois sinto enorme felicidade em ter sido recolhido daquele lamaçal, já estou conseguindo me levantar, e o senhor como se sente?

Compartilhando da alegria e gratidão de Manoel, repliquei:

— Também já consigo me sentar. Como foi que tu vieste parar aqui?

— Fui recolhido pelos irmãos da cruz vermelha, parecem ser missionários do pontífice.

— Senhor Manoel, achas que são irmãos católicos?

— Não sei ao certo, pareciam com os guardas do vaticano, já fostes para Roma?

— Nunca fui, sou brasileiro, acredito que o senhor já tenha ido!

— Sim, sim, fui algumas vezes.

Calamo-nos por alguns minutos, ambos mergulhados em reflexões, tínhamos medo de voltar para aquelas zonas escuras.

Entregue aos pensamentos adormeci novamente, horas depois acordei, dessa vez, um pouco

mais disposto. Manoel dormia, à esquerda percebi que a linda senhora estava acordada, tentando fazer amizade falei:

— Olá linda senhora! Parece que hoje está melhor?

Assustada com meu aspecto ela fechou os olhos e fingiu estar dormindo, assim evitou conversa.

Percebendo que Manoel havia acordado perguntei:

— E tu portuga? Como está? Eu agora já posso mexer meus pés!

Antes que Manoel respondesse fomos interrompidos por três cavalheiros que entraram no ambiente, as vestes nos causaram estranheza, com botas de cano longo, túnica com uma cruz estampada no peito, chapéus vistosos me fizeram lembrar os três mosqueteiros

Trazendo um grande sorriso no rosto, pararam à nossa frente, e perguntaram:

— Os cavalheiros estão melhores hoje?

Respeitosamente estendi a mão em sinal de cumprimento, com humildade falei:

— Muito obrigado! Estou eternamente agradecido por terem me tirado daquele lugar, se não for muita ousadia da minha parte, gostaria de saber em que lugar nós estamos. O amigo pode me dizer?

Com satisfação um dos homens me respondeu:

— Parabéns, meu senhor! Suas preces foram atendidas. — Esse é um local de recuperação na zona astral inferior, um lugar de auxílio para os que se encontram na escuridão. — Por hoje vamos poupar palavras, é necessário que repousem, enquanto isso trataremos seus corpos espirituais para que se recuperem o quanto antes e possam esclarecer todas suas dúvidas.

Manoel levantou-se com dificuldade, em tom imponente disse:

— Necessito de explicações! Quero saber por que fui jogado naquela latrina! Nunca fiz mal a ninguém!

Com tranquilidade o homem esclareceu:

— Senhor Manoel, na devida hora responderemos todas suas indagações, agora deve

descansar, quando estiver completamente recuperado conversaremos.

Em tom de brincadeira falei:

— Pois eu dispenso as explicações, sei bem o que aconteceu comigo e os motivos que me levaram para aquele lugar estranho.

O cavalheiro assentiu com a cabeça. Os três deixaram o ambiente, e nós logo caímos novamente em profundo sono.

Quando acordei percebi que Manoel estava recuperado, sentado na cama parecia se preparar para ir a algum lugar. Intrigado, interoguei:

— Manoel, o que vai fazer? Não me diga que vai tentar voltar para terra? Já sabe que é um defunto! Não pode voltar para lá!

Impaciente Manoel retrucou:

— Necessito de explicações! Até quando ficarei aqui deitado? Ainda sinto muitas dores e não consigo entender essa situação!

A minha esquerda a bela senhora, um pouco mais lúcida observava tudo, quando notou que eu a

olhava, novamente fechou os olhos e fingiu estar dormindo.

Com suavidade perguntei:

— Bela dama! Estou tão feio a ponto de lhe causar medo? Se não quer conversar apenas seja franca e diga que não quer conversa!

Ela abriu os olhos e respondeu:

— Deixe-me em paz! Estou doente e necessito de repouso! Logo chegará o horário de visita, meus pais e meu noivo virão me visitar!

— Bela dama! Será muito difícil eles virem te visitar! A não ser que tenham morrido também! Ou acredita que está viva?

Ela fingiu não me escutar, resolvi deixar-lhe quieta, parecia louca. Manoel assim que tentou sair da ala foi interceptado por trabalhadores que tentavam acalmá-lo. Minha principal preocupação era me recuperar o mais rápido possível, queria saber o que aconteceria depois, como reencontraria o homem que me resgatou.

Alguns dias se passaram, com forças para caminhar procurei conhecer o lugar. Era um posto de

recuperação, com vários trabalhadores do bem, médicos, psicólogos, enfermeiros, todos empenhados em recuperar irmãos resgatados nas zonas baixas. Eu achava intrigante, pois não se via o anoitecer ou escuridão, era sempre dia, a claridade de uma bela manhã ensolarada.

Minha recuperação foi muito longa, sempre que adormecia recebia passes magnéticos que me ajudavam, passávamos muito tempo dormindo, envolvidos pelo sono ficávamos alheios as lembranças dos sofrimentos passados nas zonas baixas, assim o processo de cura era acelerado.

Ao meu lado a bela moça sempre me dava as costas, acreditava ainda estar encarnada, muito fiel ao seu noivo não se permitia conversar com outro homem, permanecia, aguardando a visita do futuro esposo e da família. Comovido com a situação tentei mais uma vez me aproximar:

— Moça! Estou a meses perguntando seu nome, como não me fala, fico lhe dando apelidos, poderia me dizer seu nome?

Revoltada ela me respondeu com rispidez:

— Pois bem seu velho chato! Me chamo Maria Rita! Quero que fique bem claro! Sei que sou uma moça linda, e o senhor me deseja, mas sou noiva e não quero nada com sua pessoa, em breve meu futuro marido virá me tirar desse lugar!

Consciente da situação em que nos encontrávamos, percebi não adiantaria tentar ajudar Maria Rita, pois além de muito vaidosa, se recusava a encarar a verdade, achei melhor deixá-la perceber sozinha.

Os dias se passavam e a moça continuava presa à ilusão, não falava com ninguém e continuava aguardando os visitantes. Resolvi tentar mais uma vez, queria ajudá-la, dessa vez em tom paternal perguntei:

— Minha filha, antes de vir para esse hospital, aonde você estava?

Mostrando-se mais tranquila respondeu:

— Estava em casa dormindo, estava doente, com muita tosse, me sentia fraca, não conseguia me alimentar, meus pais cuidavam de mim, um dia acordei aqui nesse hospital. — Me pergunto que lugar é esse, e

porque meus pais estão demorando tanto para virem me visitar!

Com cuidado e carinho expliquei:

— Maria Rita, esse é um hospital um pouco diferente dos que víamos na terra. Olhe as paredes, são de pedras, perceba que não como as que vemos na terra! — Tu ainda não acreditas no que vê por que pensa estar viva, a verdade a senhorita morreu, na verdade, seu corpo de carne morreu, mas o espírito continua vivo, agora é uma alma, ou fantasma, não sei como preferir! — Assim como eu e Manoel você também morreu, o problema é que não aceita, precisa refletir para entender o que está acontecendo!

O olhar de Maria Rita mudou completamente, irritada replicou:

— Não acredito em suas palavras! Eu mal lhe conheço! Nem sei seu nome! Esse hospital é estranho mesmo, minha família não tem posses deve ter me trazido para esse lugar porque o tratamento é gratuito. — Mas isso não significa que estou morta, uma pessoa não morre de tosse!

Percebi que ela não aceitaria com facilidade, tinha apenas vinte e três anos, um noivo que amava e a promessa de um futuro feliz, com um marido e filhos, desencarnar tão jovem não deveria ser fácil, seria muito difícil aceitar a condição em que se encontrava. Olhei em seus olhos e disse:

— Minha filha, deixe eu me apresentar, já deveria ter feito isso antes. — Me chamo Antônio, em vida fui um fazendeiro rico, com muitas posses, estudei e me formei na Europa, voltei para o Brasil, onde me tornei produtor de açúcar, desencarnei já faz algum tempo por conta de uma grave desnutrição e tuberculose.

Percebi que ela refletia, depois de uma pausa e continuei:

— Minha filha, conheço bem as tosses de tuberculose, foi assim que morri. Será que não foi o mesmo que aconteceu com a senhorita?

Assustada ela me respondeu:

— O senhor insiste em afirmar que estou morta!

— Certamente minha cara dama! Já passei maus bocados, sei muito bem como é estar morto! A senhorita teve sorte, provavelmente méritos para ser recolhida sem passar pelas zonas inferiores, por isso ainda não se conscientizou do seu estado.

Irritada ela retrucou com voz alterada:

— Não concordo com o que o senhor fala! Não quero mais conversa! Preciso descansar.

Deitando-se de costas deixou claro que não queria mais ouvir meus argumentos. Percebi que o melhor era deixar que Maria Rita tivesse seu tempo para compreender e aceitar a nova realidade.

Alguns dias mais tarde, recebemos a notícia de que receberíamos alta, todos os internos da ala sabiam e se resignavam com a nova vida, Maria Rita continuava irresoluta em suas convicções, atentos a dificuldade da moça um dos médicos se aproximou da moça, com extremo carinho falou:

— Maria Rita, nos acompanhe, é o momento de saber por que seus familiares não podem te visitar.

Mostrando-se confusa e amedrontada Maria Rita os acompanhou, eu e Manoel seguíamos com o

olhar, me perguntava como ela reagiria a nova condição.

Após Maria Rita desaparecer no corredor eu e Manoel retomamos nossa conversa:

— Pois bem senhor Manoel, vamos torcer que nossa colega aceite o que está acontecendo!

— Concordo senhor Antônio. — Eu me sinto forte, completamente recuperado, por mim iria embora hoje mesmo, desejo rever minha família.

Manoel era mais um que apresentava dificuldades em aceitar a nova condição, evitando contrariá-lo apenas concordei com a cabeça. Os dias se passaram e Maria Rita não voltou, recebemos alta e aguardávamos as próximas instruções.

Conversava com Manoel quando fui surpreendido por um homem de capuz e capa preta, todo coberto, conseguia ver apenas seus olhos. Aproximando-se perguntou:

— Como está senhor Antônio? Sente-se melhor? Está pronto para ir embora?

Pela voz reconheci que era o mesmo homem que havia me resgatado, emocionado e agradecido falei:

— Eu estou bem e sou muito grato por sua compaixão, obrigado por ter me resgatado daquela região escura. — Mas por que tanto interesse em minha pessoa? Veio para me levar novamente para aquele lugar? Não quero voltar para o inferno!

— Senhor Antônio, o inferno não existe, as zonas escuras são como retratos das mentes da terra. — Tenho interesse porque eu sou seu Guardiã, e tu és o meu protegido!

Confuso com aquelas informações eu interoguei:

— Guardiã? Protegido? Mas que história é essa?

— Senhor Antônio, um Guardiã é aquele espírito que assume um compromisso com quem vai reencarnar, sua função é protegê-los, guiá-los por caminhos corretos, ajudá-los a seguir os ensinamentos do Cordeiro, para que evoluam fazendo o bem para si e seu próximo. — Tu tens um Guardiã que lhe

protege e guia pelos caminhos da vida, tens um mentor que assumindo o compromisso de um professor lhe inspira ensinamentos e também guia, logo poderá revê-lo. — Vou lhe ensinar tudo durante sua estadia aqui, esse período indeterminado que passará nesse plano se chama erraticidade, será um tempo necessário para que aprendas, se prepare e possa reencarnar.

Confuso com tantas informações, perguntei:

— Reencarnar? Mas não vou esperar o dia do juízo final?

— Senhor Antônio, suas crenças lhe ensinaram a pensar assim, na verdade as coisas são um pouco diferentes, tem muito que aprender, aos poucos compreenderá que no plano espiritual as coisas são diferentes da terra. — É aqui que se manifesta a verdadeira realidade! A terra é apenas um projeto em andamento.

— Mas por que és meu Guardiã?

— Senhor Antônio, me chamo Jean, sou francês, desencarnei a muitos anos, éramos grandes amigos em Toulouse na França, isso faz muito tempo,

nem imaginas quanto. — Em sua vida na França cometestes um grande erro, por isso em sua última encarnação passastes tantos anos na prisão e desencarnou daquela forma. — Antes de reencarnar assinastes um termo, uma série de documentos aceitando passar por aquela expiação.

Percebendo que eu demonstrava dificuldade em absorver todas as informações Jean concluiu:

— No momento certo lhe explicarei como funcionam as Leis no plano espiritual e as sucessivas reencarnações na terra, que por vezes se repetem por muitos e muitos séculos. Por hoje já basta, teremos várias oportunidades para esclarecer suas dúvidas.

— Está bem senhor Jean, não sei como agradecer por ter me resgatado, e por estar aqui agora, estou tentando entender e aprender tudo que me contas.

Resolvi perguntar sobre Maria Rita, pois desde que a levaram não tivemos notícias.

— Senhor Jean, posso saber o que aconteceu com aquela moça que estava comigo na enfermaria?

Ele respondeu sorrindo:

— Senhor Antônio, Maria Rita foi levada para receber esclarecimentos, os enfermeiros juntos com seu mentor e guardião lhe explicaram sobre o desencarne, sobre sua faixa vibratória e o local onde está, a conscientizaram de que não é possível receber a visita dos pais e do noivo. No entanto, ela não aceitou, entrou em desespero e passou a gritar chamando pelos pais, com isso seu espírito começou a se precipitar em uma espécie de loucura, para evitar maiores problemas para ela mesma, lhe foram aplicados passes que a fizeram acalmar e voltar ao sono.

Notando minha preocupação Jean continuou:

Senhor Antônio, muitos espíritos são materialistas, não aceitam a condição de abandonar o corpo físico. Existem condições que tornam aceitação mais complicada, casos em que pessoas jovens desencarnam, situações de pessoas que tiveram uma vida boa e tranquila, ou que viveram história bonita, o desapego se torna algo difícil, e a aceitação mais demorada. Agora Maria Rita está em outra ala do hospital se recuperando, aos poucos vai aceitar a condição. Ela tem merecimento para visitar a família,

mas ainda não é o momento. Com o tempo terá equilíbrio para revê-los se desejar, logo começará seu trabalho aqui no plano espiritual, pois aqui todos nós trabalhamos.

— Senhor Antônio, precisamos ir, sua estadia aqui já se encerrou, vou levar-lhe para um local onde ficará por algum tempo.

Despedi-me dos enfermeiros, e dos amigos que permaneceram na enfermaria, em seguida fomos para o lugar onde eu me estabeleceria.

CAPÍTULO IV

Surge o Guardião

Chegando em meu novo lar fui surpreendido pela beleza do lugar, Jean logo iniciou as explicações:

— Senhor Antônio, muitos chamam esse lugar de Aruanda, para mim é uma colônia espiritual como tantas outras. — Aqui nossos irmãos confraternizam, estudam, alguns tem suas moradias, mas permanecem pouco tempo, pois sempre estão ocupados com trabalhos em nome do Cordeiro, nosso Senhor Jesus Cristo.

Levando-me para um espaço arborizado Jean me convidou a sentar em um banco, serenamente perguntou:

— Quer que lhe conte por que em sua última encarnação foi preso? Porque enfrentou tantas dificuldades mesmo sendo um homem de bem, que tratava seus escravos com dignidade, era um bom marido, bom pai.

Ansioso para saber os motivos que me levaram a aquela prisão respondi:

— Sim senhor Jean, gostaria muito de entender. — Sempre fiz o possível para ser um bom homem, tratei meus escravos como irmãos, nunca olhei para cor da pele, para mim éramos todos iguais, espíritos não são todos iguais?

— É verdade, espíritos são todos iguais, cada um com suas características espirituais. — Vou contar sua história. — Antes de reencarnar você assumiu certos compromissos, assim é com todos os espíritos que reencarnam, alguns pedem mediunidade para poderem evoluir e quitar seus débitos mais rápido, outros enfrentam injustiças, doenças, misérias, o senhor antes de reencarnar escolheu passar vinte anos de sua vida preso. — O senhor entende?

— Isso eu entendi, aceitei passar vinte anos numa prisão, mas eu pedi que fosse em uma masmorra?

— Não foi estabelecido que seria uma masmorra, apenas que ficaria vinte anos preso para pagar por um assassinato que cometeu em outra vida. Quando foi preso as leis e condições da terra eram

aquelas, sendo assim o lugar comum para época era uma masmorra.

— Eu cometi um assassinato?

— Quando viveu na França matastes uma pessoa, após o crime continuou desfrutando de uma boa vida, desencarnou sem ter pagado a grave falta, em sua última vida no Brasil teve a oportunidade de quitar seus débitos.

— Eu nunca matei ninguém!

— Senhor Antônio, tu falas que não matastes porque na verdade não lembra, vou lhe contar. — Por volta de 1724 enterrastes um baú de moedas de ouro em um celeiro, eram tributos que havia cobrado e guardado. Um menino de aproximadamente 14 anos o espiava enquanto enterrava o baú, decidido a se apossar de seu tesouro logo que percebeu a oportunidade resolveu tomar posse, no entanto, antes que completasse a fuga o senhor o surpreendeu fugindo, para reaver o bem deu-lhe um tiro de pistola nas costas. O menino teve sua vida interrompida e o senhor contraiu uma dívida.

— Ficastes preso na última encarnação porque aceitou quitar essa dívida, pois matastes esse menino e não pagou, futuramente o senhor irá conhecê-lo. — E lhe digo mais, o senhor será seu guardião, pois vais seguir meu caminho.

Assustado, argumentei:

— Eu serei um guardião? Como?

— Sim senhor Antônio, serás um Guardião!

— Inicialmente seguiras os meus passos, me acompanhará em meus trabalhos. — O Senhor sabe o que faz um Guardião?

— É alguém que fica guardando alguma coisa?

Sorrindo divertidamente ele explicou:

— Não meu filho! O trabalho é diferente! Sou seu Guardião, lhe protejo e ajudo, mas também realizo outros trabalhos. Atuo em resgates e auxílio á irmãos desencarnados que se encontram em regiões umbralinas, tento ajudá-los a alcançar consciência, inspirá-los no bem, para que se lembrem de Nosso Senhor Jesus Cristo e possam sair daquele purgatório.

Eu ouvia atentamente todas as explicações, Jean continuava:

— Esse trabalho é apenas para Guardiões formados, portanto, inicialmente me acompanhará como aprendiz. O senhor ainda precisa adquirir consciência de alguns erros cometidos após seu desencarne quando buscava vingança, futuramente entrará para uma escola onde terá maiores aprendizagens. — E então senhor Antônio! Aceitas o desafio?

Animado com as oportunidades que me aguardavam respondi confiante:

— Sim! Eu aceito! É graças ao senhor que saí daquele lugar!

— Não senhor Antônio! Não foi graças a mim, foi graças a você! Foi porque tomastes consciência de que estavas fazendo o errado, com isso se arrependestes e sua vibração aumentou, pois, o arrependimento te ligou ao mais alto, e naquelas regiões quem podia chegar mais perto de tu, era eu, pois temos vibrações parecidas, a minha é um pouco mais alta, mas ainda assim são próximas, tu ainda terá uma vibração mais elevada, mas para isso terá muito

que aprender e estudar até entender bem como é o trabalho de um Guardião.

— Posso me considerar com as dívidas pagas?

— Sim! Seu único problema foi no plano espiritual inferior quando procurou vingança e contraiu algumas dívidas, mas para isso o estudo, o trabalho edificante ajudarão, não cometas esse erro novamente!

— Não cometerei, quero ser um bom homem!

E assim aquela conversa se deu por encerrada.

Depois que descobri a verdade, então me libertei, pois compreendi todos os acontecimentos em minha vida na terra, ainda levou algum tempo até que estivesse totalmente recuperado e pronto para iniciar os trabalhos com Jean, enquanto isso permaneci em Aruanda, o lugar me parecia muito organizado, conheci seus departamentos, as moradias, apreciava as paisagens daquele lugar lindo, e com o tempo comecei a sentir necessidade de rever minha família.

Não demorou muito para que Jean me chamasse para um trabalho, percebendo uma oportunidade, pedi para rever minha família.

— Jean, eu aceito o trabalho, mas antes quero rever minha família, saber como estão meus filhos, minha esposa, tenho dois varões, e uma pequena menina. Posso vê-los?

— Antônio, é melhor que faça seu trabalho aqui, ainda não é o momento, acredite, não lhe fará bem. — Confie em mim, quando for a hora certa eu mesmo o levarei até sua família, ainda está tomando consciência, não queira comprometer sua recuperação e arriscar-se a voltar para as zonas de onde foi resgatado!

Refletindo nas palavras do meu amigo concordei:

— Se pode me atrasar, e corro o risco de voltar para aquelas zonas escuras então prefiro aguardar, no momento certo poderei revê-los.

— Sim Antônio, isso pode acontecer, as coisas mudaram muito desde que desencarnou, sua propriedade foi tomada por uma pessoa do seu círculo de amizades, um visconde que infelizmente trata muito mal os escravos. — Presenciar essas situações é um risco que não deve correr!

Concordei com Jean, me entreguei ao novo trabalho, seguia o Guardião como seu aprendiz, descíamos as zonas escuras para resgatar todos os tipos de sofredores, muitos foram senhores de terras, escravos, cobradores de impostos, prostitutas, homicidas, suicidas, alcoólatras a maioria, assim que desencarnava era atraída magneticamente para regiões compatíveis a seus atos e vibrações, locais que tinham afinidades.

Com os trabalhos compreendi que o umbral se dividia em várias regiões, formando vales que eram destinados a grupos de espíritos, que seguiam para lá conforme os atos praticados durante a encarnação. Esses locais se formavam através dos pensamentos daninhos e desequilibrados dos seres humanos, tanto encarnados como desencarnados.

Esses pensamentos se condensavam, materializavam e formavam os vales que pertencem as zonas astrais inferiores. Entendi que a mente cria, e suas criações se consolidam, materializam-se, e o que os olhos não podem ver o espírito pode sentir, e os infelizes que para lá seguiam passavam por

sofrimentos terríveis. Os trabalhos nunca acabavam, recolhíamos aqueles espíritos em sofrimento, esfarrapados, cansados, suplicando auxílio, eram pessoas de todas as classes sociais, barões, viscondes, religiosos, mendigos, que através do sofrimento se conscientizavam dos erros, passavam a clamar por Deus e assim aumentavam suas vibrações, podendo então ser resgatados.

Trabalhávamos também no esclarecimento daqueles espíritos que em nada acreditavam, que não conheciam Deus, se diziam ateus, por meio de muito diálogo tentávamos conscientizá-los da realidade divina. Apesar de nossos esforços muitos preferiam continuar naquelas condições e assim passavam anos em sofrimento.

Alguns nos chamavam de Samaritanos, na verdade éramos um grupo da falange dos Capa Preta, seguíamos recolhendo e doutrinando aqueles espíritos, pouco a pouco levando todos que conseguíamos.

Os anos se passaram, consegui rever minha família, não viviam com o mesmo conforto de outrora, mas estavam bem, toda nossa propriedade foi

perdida, mas com esforço conquistaram uma pequena fazenda que lhes dava condições de sustento, meus filhos se formaram e tornaram bons homens, minha esposa havia se casado novamente, para minha tranquilidade e alegria seguiam a vida de maneira honrada e digna.

Eu prosseguia estudando e trabalhando, continuava como aprendiz de Guardiã. Em um trabalho de resgate no plano inferior encontrei um homem que perambulava pela região torturando e escravizando outros espíritos.

Logo reconheci aquele rosto, lembrei-me daquela criatura, era o mesmo visconde que havia tomado minha propriedade e todas as posses da minha família. Subitamente senti que o ódio me dominou, o tempo de estudo e trabalho com a falange dos Capa Preta me deram conhecimentos, instruído na arte de manipular energia, com a força de meus pensamentos criei um chicote com pontas de espinhos, em seguida fiz um tronco e montei um cenário próprio para aquele momento, sem ser percebido me aproximei do visconde, que sem saber como, se viu preso por

correntes de energia que projetei em seus punhos e tornozelos, arrastando-o para o tronco, ignorava os gritos do homem.

Completamente surdo as súplicas o coloquei no tronco e iniciei minha vingança, completamente envolvido pelo ódio, quanto mais o chicoteava mais sentia prazer em fazê-lo. Seus ossos começaram a aparecer e quebrar-se, naquele momento percebi que minha forma espiritual começava a se degradar, eu voltava a ter a aparência esquelética de quando fui resgatado. Por alguns momentos parei com a tortura, mas o ódio me dominava, ciente de que havia recaído no erro pensei:

— Dane-se! Agora vou me vingar até que esse miserável pague por tudo que fez para mim, minha família e todos aqueles escravos!

Enquanto chicoteava eu falava:

— Agora vais pagar seu miserável! Pensa que não sei o que fizestes comigo e minha família? Tomastes tudo que era meu! Só não se apossou de minha esposa porque não lhe interessou.

— Sei que gostas de colocar escravos no tronco e chicoteá-los até ver os ossos, pois agora vai sentir como a mesma dor! Vou te chicotear até quebrar todos seus ossos, até que aprendas a nunca mais fazer mal ao seu próximo!

E continuei, bati até extravasar todo ódio que se manteve escondido até aquele momento, parei de chicotear quando percebi que o visconde estava inconsciente. Foi então que compreendi, eu havia decaído, cometi atrocidades que jurei nunca fazer. Naquele momento havia chegado ao mais fundo, minha decadência foi completa.

Soltei o chicote e olhei para aquele homem inconsciente preso ao tronco, soltei as correntes que o prendiam, deixando o corpo abandonado a própria sorte., dei as costas e saí caminhando sem rumo.

Todo aquele ódio e sentimento de vingança fizeram com que minhas vibrações caíssem muito, e mais uma vez fiquei preso naquelas regiões umbralinas, depois de toda atrocidade praticada contra o visconde, era com aquele lugar que minhas vibrações se assemelhavam.

Sentei-me em uma pedra e entreguei-me a profunda reflexão, meu aspecto voltou a ser como antes, um homem decrépito. Consciente das Leis Divinas sabia que deveria ficar naquele lugar até que expurgasse o erro cometido. Não me restava muito além de aceitar a condição, olhava para aquela paisagem escura, todos aqueles irmãos em estado de sofrimento, mergulhados na lama imunda, gemiam e choravam com dor, fome, e pavor, e mais uma vez estava entre eles, agora não mais na condição de Samaritano. Aos poucos fui dominado por profundo arrependimento, sabia que Jean estava por perto e certamente conhecia os fatos, chamá-lo seria uma grande hipocrisia, precisava refletir, pois, parte minha ainda acreditava que o castigo aplicado foi justo, eu me torturava repetindo sempre a mesma frase:

— O que foi que eu fiz! Contraí mais uma dívida! Mas que besteira eu fui fazer!

Apesar do arrependimento passei alguns anos em sofrimento naquelas regiões, pois me arrependia de ter corrompido meu trabalho com os Capa Preta, no entanto, levei um longo tempo até me arrepender

verdadeiramente pelos atos praticados contra o visconde, foi apenas quando tomei consciência de que não tinha o direito de fazer justiça com minhas próprias mãos é que fui acometido por sincero pesar, então pedi perdão pelo erro cometido, assim consegui aumentar minha vibração ao ponto de ser ouvido por Jean. Logo que apareceu a minha frente pegou em meu braço levantando-me da lama, com severidade determinou:

— Que não caias de novo nas inferioridades! Que tenhas aprendido a não se entregar a seus conflitos e problemas!

— Está certo Jean, agora não devo nada a ninguém e ninguém me deve!

— Está completamente enganado meu amigo! Agora terás que trabalhar ainda mais para reparar esse erro! Vamos embora daqui, espero que tenha lhe servido de lição!

Eu me sentia como uma criança que havia cometido um erro, depois desse acontecimento consegui perdoar o visconde, apesar da surra que levou naquele tronco ele continuou com as práticas

inumanas, ainda hoje, por vezes o vejo praticando as mesmas atrocidades e torturas com outros espíritos, e ninguém consegue demove-lo da ideia fixa de tortura e barbárie.

Depois daquele triste episódio Jean me levou para uma escola de Guardiões, antes de partir deixou claro:

— Agora Antônio, vais estudar! Chega de cometer erros! Deverá aprender a arte de ser um Guardião! Espero sinceramente que nunca mais desça a condição daqueles sofredores!

Consciente da necessidade daquele alerta apenas concordei, despedimo-nos e iniciei os estudos que me preparariam para ser um Guardião.

Por vários anos estudei e trabalhei como aprendiz, auxiliiei nos resgates e doutrinações, não demorou para que eu percebesse que os estudos seguiriam por vários anos e que os trabalhos no plano espiritual eram intermináveis.

Gostava dos trabalhos com a falange dos Capa Preta, no entanto, depois de alguns mudei o foco da minha formação, comecei a estudar com a intenção de

me capacitar para trabalhar com a falange dos Sete Porteiros, por uma questão de afinidade o trabalho desses irmãos me atraía mais.

Os trabalhos e estudos constantes me permitiram alcançar muito conhecimento e destreza, me engajei na falange dos Sete Porteiros onde passei a atuar no embate contra as forças das trevas, em incontáveis batalhas fui me aprimorando e ganhando luz, a cada guerra pleiteada entre os encarnados no plano físico, desdobrava-se uma batalha de proporções ainda maiores no plano espiritual, e nossa falange aliada a outras atuava incansavelmente.

No início da segunda grande guerra, os trabalhos se multiplicaram, os desencarnados na crosta levavam para as regiões do umbral todo ódio que cultivavam em vida, formavam-se grupos de espíritos revoltados tanto nas zonas profundas como na terra.

No ano de 1944, Jean me procurou, a intenção era me encaminhar para uma missão na recuperação de soldados recém desencarnados na guerra.

— Antônio, quero que se prepare para partir o quanto antes, será enviado um agrupamento que terá a

missão de ajudar os desencarnados em uma operação de invasão que acontecerá na Normandia. — As forças aliadas estão se preparando para uma invasão surpresa, essa investida trará incontáveis mortes para os dois lados. — Você seguirá com um grupo que ficará responsável pelo recolhimento feito do lado dos alemães.

— Jean, não é melhor que eu fique com outra falange? Tenho lembranças da minha existência na França, dessa maneira, talvez seja mais útil trabalhando nos resgates dos franceses.

— Não se preocupe meu amigo, sua nacionalidade não será uma fator decisivo, sua experiência nesse tipo de resgate ajudará, no momento saberá o que fazer! — Muitos desses soldados estarão em completo tormento, precisarão de toda ajuda!

Terminada as explicações Jean seguiu para um dos agrupamentos que estaria sobre seu comando, e eu juntei-me ao grupo que seguiria para o lado dos alemães.

No dia 6 de junho de 1944, conhecido como dia D, várias equipes do plano espiritual seguiam para

região da Normandia, todos estavam conscientes do desdobramento, sabíamos que vários soldados perderiam suas vidas precocemente naquela guerra irracional.

Para nossa tristeza, horas após o desembarque dos soldados, o cenário era desolador, no plano físico viam-se vários corpos espalhados pela praia e região, no plano extra-físico incontáveis soldados recém-desencarnados encontravam-se completamente perturbados sem entender o que acontecia, alguns, após o desencarne eram imediatamente atraídos para zonas do umbral, outros permaneciam na crosta, alguns presos aos despojos carnis, havia aqueles que acreditavam estar vivos, e continuavam perseguindo seus opositores, nosso trabalho era encaminhar o maior número possível desses irmãos para locais onde recebessem atendimento.

No meu agrupamento, do lado dos soldados alemães as mortes eram incontáveis, vários jovens soldados tiveram suas vidas ceifadas, desequilibrados e atormentados perguntavam-se o que tinha acontecido, de onde vieram tantos soldados das tropas adversárias,

não compreendiam que já não estavam mais em um corpo físico, acreditavam estar vivos.

Como muitos se mantinham presos no corpo físico, iniciamos busca entre os cadáveres para encontrarmos aqueles que não conseguiram se libertar, caminhando entre os inúmeros corpos via-se que muitos eram como cascas vazias, seus espíritos já não estavam mais lá, no entanto, vários continuavam no corpo, íamos em um por um ajudando-os a se libertar dos laços que os prendiam, conscientizávamos e encaminhávamos ao grupo que os levaria para postos de socorro.

O dia amanhecia no plano físico quando percebi que um jovem soldado alemão encontrava-se caído na beira do mar, ainda vivo, o corpo físico e espiritual agonizavam, com o rosto enterrado na areia o rapaz quase não conseguia respirar, percebi que ele havia sido alvejado por vários tiros nas costas, era surpreendente que ainda estivesse vivo e lutasse contra a morte. Com muito cuidado tentei virar seu rosto perispiritual para cima, isso lhe daria a impressão de que o corpo físico também tivesse sido movimentado.

Quando movimenteï seu rosto, tive a percepção de seu espírito, naquele momento soube por que Jean havia me enviado para aquela missão, o rapaz que naquele momento estava em meus braços era o mesmo que eu havia matado em outra vida na França.

Naquele momento senti em meu coração todo amor e bondade Divina que me permitiu ajudar aquele para quem um dia fiz tanto mal, profundamente grato, olhei para aquele rapaz com imenso amor, faria o possível para ampará-lo naquele momento.

Impossibilitado de receber qualquer socorro por parte dos encarnados, seria uma questão de tempo para o desencarne, nada podia ser feito naquela situação, me ajoelhei ao seu lado e comecei a aplicação de passes para aliviar os sofrimentos até que o corpo físico sucumbisse e eu pudesse dar início ao desligamento, ele estava a horas naquela situação, foi um dos primeiros a cair durante o ataque surpresa.

O tempo passava e o rapaz lutava contra a morte, as ondas do mar que iam e voltavam cobriam o corpo físico afogando-lhe a cada nova investida e

tingindo a água do mar de vermelho, pois os ferimentos dos tiros não paravam de sangrar.

Sentado ao seu lado aplicava passes enquanto tentava acalmá-lo, eu sabia que ele não estava entendendo meu idioma, mas conseguia me ver, a situação de pré desencarne possibilitava que tivesse vagos vislumbres dos socorristas do plano espiritual.

Estávamos a horas naquela situação, ele via os socorristas do plano espiritual e acreditava que eram equipes de salvamento de encarnados que ajudavam os soldados, em agonia suplicava sussurrando:

— Me ajudem! Sinto muito frio e dor nas costas, não quero morrer!

Enquanto ele suplicava eu acariciava seus cabelos, compadecido pelo sofrimento que ele enfrentava bravamente, tentava dar-lhe força e confiança:

— Tenha força meu filho! Tudo ficará bem! Qual é seu nome?

— Otto.

Ele mal conseguia me responder, estava cada vez mais fraco, quando fazia mais de doze horas que

ele se encontrava naquele estado agonizante, aos poucos o corpo físico cedia, o rapaz agora mostrava-se inconsciente, eu tentava acelerar o processo de desencarne aplicando passes de desligamento, até que o corpo físico cedeu e cessou todos os processos fisiológicos, o corpo material estava morto. Sem perder tempo iniciei o desligamento enquanto ele se mantinha inconsciente, encerrado o processo o corpo espiritual estava livre.

Sentado na areia da praia eu amparava seu corpo espiritual em meu colo, como um pai que embala seu filho eu o segurava nos braços, livre da matéria ele começou a recuperar a lucidez, preocupado com sua reação perguntei:

— Otto, você está bem? Sente dor?

— Olhando-me entorpecido ele apenas fechou os olhos para retomar o estado de inconsciência.

Percebendo que ele não acordaria naquele momento segui com ele nos braços para um posto de auxílio na região, onde o deixei sob os cuidados de uma equipe, em seguida retornei para auxiliar a equipe de salvamento.

Os resgates duraram alguns dias, terminados os trabalhos na região voltei ao posto de salvamento onde estava Otto, as várias horas que o rapaz passou caído naquela praia deram a ele tempo suficiente para conscientizar-se do desencarne, e para se arrepende dos erros cometidos em vida, com pouco mais de dezoito anos, não teve tempo para cometer graves erros durante aquela existência, a consciência de que morreria impediu que entrasse em estado de perturbação, dessa maneira poderia ser removido para uma colônia melhor.

Ao me aproximar percebi que o rapaz estava acordado e mostrava-se disposto, o auxílio que consegui dar em suas últimas horas permitiram que o corpo espiritual se recuperasse com mais facilidade.

Feliz em vê-lo, perguntei:

— Como vai rapaz? Vejo que está muito melhor!

— Sim, estou muito bem, agradeço por sua ajuda! Qual é seu nome?

— Me chamo Antônio!

— Tenho a impressão de que já o conheço de algum lugar!

— Na verdade já nos vimos antes, mas faz um longo tempo, no momento apropriado contarei tudo com detalhes. — Agora descanse, voltarei amanhã para conversarmos mais.

Os dias que Otto passou no posto de atendimento deram-lhe oportunidade de compreender algumas coisas sobre o plano espiritual, os enfermeiros percebendo que ele estava tranquilo, aceitando bem a nova condição puderam elucidá-lo sobre alguns acontecimentos, inclusive que foi recolhido por um Guardião.

Retornando ao minha falange de trabalho, reencontrei Jean que me aguardava, me aproximei sorrindo e perguntei:

— Você sabia não é mesmo?

— Sim Antônio, sabia, era necessário!

— Fiquei feliz em poder ajudar o menino!

— Não se preocupe, poderá ajudá-lo por muito tempo ainda!

— Como assim? Não estou entendendo!

— Antônio, esse rapaz em breve terá que reencarnar, precisará de um guardião, se aceitar poderá se comprometer em guiá-lo durante a caminhada terrena.

— Guardião? Não sei se posso assumir esse compromisso! — E ele? Será que aceitará? Terá que saber o que fiz para ele em outra existência, não é mesmo?

— Sim, deverá conscientizá-lo dos acontecimentos passados, certamente ele entenderá, é um bom rapaz.

Encerrada nossa conversa, Jean despediu-se, eu retomei meus trabalhos.

Passados alguns dias retornei ao encontro de Otto, o rapaz estava recuperado e pronto para seguir para outra colônia, assim que cheguei ele me recebeu com um sorriso cordial:

— Como vai senhor Antônio? Veio me buscar?

— Sim, vou te levar para uma outra colônia onde receberá ensinamentos sobre sua nova condição, mas antes quero levá-lo para conhecer outro lugar.

— Que lugar:

— Otto, como já sabe, temos muitas existências na terra, entre a vida e o desencarne a maioria passa por regiões umbralinas, dessa vez você foi recolhido e não necessitou expurgar nessas regiões, no entanto, é importante que reconheça o sofrimento de seus irmãos que se encontram nessas zonas, isso lhe servirá de aprendizado. — Não tem motivo para temer, estarei com você o tempo todo.

— Compreendo, mas é realmente necessário?

— Sim, pretendo destiná-lo aos trabalhos com minha falange, será um aprendiz, para fazer o trabalho precisa conhecer o campo de atuação dos Guardiões.

Otto concordou com a visita as regiões umbralinas, seguimos para uma zona onde vários desencarnados na guerra permaneciam em estado de perturbação e logo receberiam ajuda de nossa falange, em seguida o levei para um cemitério onde atuávamos no amparo aos recém-desencarnados que se mantinham presos ao corpo físico ou faziam sua passagem amparados por mentores e guias.

O rapaz inicialmente mostrou-se assustado, recusava-se a aceitar que vários de seus compatriotas encontravam-se presos em zonas umbralinas, revivendo as cenas da guerra e mergulhados no sofrimento. Ao chegarmos em sua nova colônia seguimos para um local onde pudéssemos conversar, eu precisava conscientizá-lo sobre nossos laços do passado e sobre a necessidade de reencarnar. Sentamo-nos em um banco cercado por árvores, o ambiente emanava paz e tranquilidade, Otto mostrava-se pensativo, me olhando nos olhos ele lamentou:

— É muito triste o que a guerra nos obriga a fazer! — Éramos forçados a servir o Führer, os que se recusavam eram vistos como desertores, muitos capturados e enviados ao fuzilamento, poucos conseguiam escapar. — Durante a guerra nunca matei, sempre atirava para cima ou apontava para locais onde não acertaria o alvo, eu sabia que eram tropas das forças rivais, mas não eram meus inimigos, eram apenas rapazes como eu, que não tiveram outra opção além de ir para guerra.

— Eu sei meu rapaz, levantamos sua ficha, sabemos que não matou ninguém, inclusive, foi assim que perdeu a vida! — Recusando-se a atirar durante a invasão tentou fugir e se esconder, antes que conseguisse foi atingido.

— Não podia matá-los! — Não queria machucar ninguém! Só queria voltar para minha casa!

— Agora você está em sua verdadeira casa! Aqui é nosso verdadeiro lar, a terra é transitória!

— Senhor Antônio, antes de ir para guerra deixei uma moça que eu amava, quero saber se ela está bem.

— Otto, meu filho, por enquanto precisará esquecer essa moça!

— Mas por quê?

— Depois que você foi embora ela entrou em desespero, acabou atentando contra a própria vida, agora se encontra em uma região onde precisará ficar por algum tempo.

— Que região? — Não podemos buscá-la?

— Encontra-se em um vale onde ficam os suicidas, por enquanto não poderemos buscá-la, não

está pronta para ser resgatada. — Não se preocupe, os irmãos nesse lugar tem o amparo que precisam — Você precisa seguir sua jornada aqui, no momento certo poderemos falar sobre isso novamente.

Otto mostrava-se entristecido, sentia falta da família, da moça que ele amava, a nova condição ainda era nova para ele. Com muito cuidado iniciei a conversa sobre nosso passado:

— Otto, lembra-se que inicialmente teve a impressão de que já me conhecia?

— Sim, e ainda tenho, o senhor falou que no momento oportuno me contaria.

— O momento pode ser agora, quer saber?

— Sim, pode me contar, por favor?

— Otto, em outra existência nossos caminhos se cruzaram, em meados de 1700 vivíamos na França, você era um menino de 14 anos, sua família muito pobre passava grandes dificuldades. Certo dia você me viu enterrar um baú com uma pequena fortuna que amealhei durante uma vida de trabalho, incauto esperou que eu me distanciasse, seguiu para o celeiro onde enterrei o baú e se apossou de tudo que eu tinha.

O que você não imaginava era que eu continuava pelas redondezas, foi quando o surpreendi correndo para um milharal, desesperado ao vê-lo carregando tudo me restava, deixei-me dominar pelo ódio e ganância, saquei de uma pistola e atirei, a intenção era de assustá-lo, no entanto o tiro foi certo e tirou sua vida.

Otto me ouvia emudecido, os olhos marejados pareciam mostrar a dor do menino que foi um dia, necessitando expor toda verdade continuei:

— Depois da morte daquele menino passei o resto da minha vida atormentado, a pequena fortuna que guardei durante a vida foi consumida pelo álcool na tentativa de esquecer o crime cometido. — Nunca fui pego ou punido pela morte daquele jovem, no entanto, na existência futura, quando reencarnei em terras brasileiras paguei pelo crime cometido, passei mais de vinte anos trancafiado em um calabouço. — Ajudá-lo naquela praia foi apenas o início da minha redenção com você, ainda necessito do seu perdão!

Otto me abraçou, eu não consegui conter a emoção, os olhos transbordavam em lágrimas que

vertiam o arrependimento sincero daquele que jamais cometeria tal erro. Batendo levemente em minhas costas o rapaz falou:

— Senhor Antônio, naquela praia senti o imenso amor que me devotou, foi em seus braços que desencarnei, foi sua mão fraterna que se estendeu sobre meus ferimentos dando-me o amparo que eu tanto necessitava, foram suas palavras as últimas que eu ouvi naquele momento de profunda aflição, foi seu rosto que me sorriu garantindo-me que tudo ficaria bem. — Como posso negar perdão ao meu bemfeitor? — Em outra existência tirastes minha vida, mas nessa amparou minha alma!

Eu ouvia as palavras do rapaz comovido, esperava seu perdão, mas não aguardava tamanho reconhecimento. Dando-lhe mais um abraço agradecei:

— Meu filho! Te agradeço! Te dou minha palavra de que estarei ao seu lado na nova etapa que se aproxima!

— Que etapa?

Otto mostrava-se mais forte do que eu imaginava, eu desejava que ele continuasse mostrando

a mesma fortaleza, pois ainda precisava informá-lo de quem em breve precisaria reencarnar.

— Meu filho, em suas últimas existências você sempre teve um desencarne precoce, dessa maneira não teve a oportunidade de viver muitas experiências ligadas a vida de um homem durante sua jornada completa na terra, precisará passar por certas provas que não pôde vivenciar e que são necessárias a evolução do espírito.

— O senhor quer dizer que preciso reencarnar agora?

— Não agora, mas em breve, iniciará os estudos que te prepararão para a nova jornada na crosta, enquanto isso estagiará comigo nos trabalhos com minha falange.

— Em breve quando?

— Será logo Otto, a terra passa por uma fase de transição, será uma grande oportunidade para você, poderá quitar alguns débitos com irmãos que se sentiram prejudicados em outras existências, poderá vivenciar suas provas! — Lhe será oferecida a oportunidade de trabalhar com o plano espiritual

durante sua vida na terra, se aceitar isso ajudará muito em sua evolução.

— Isso significa que não poderei rever minha família?

— Ainda não sabemos, provavelmente não, mas isso não deve preocupá-lo agora! — Meu filho, a vida não tem fim, aqueles que você deixou na terra hoje, no futuro cruzarão seu caminho, seja na crosta ou aqui no plano espiritual, nunca estaremos eternamente afastados daqueles que amamos! — Durante sua caminhada no plano físico estarei ao seu lado! Serei seu Guardião!

— O senhor será meu Guardião? — Por que precisarei de um Guardião?

— Todos ao reencarnar são acompanhados por um casal de mentores e Guardiões, estaremos ao seu lado para conduzi-lo por bons caminhos, auxiliar em seu progresso e protegê-lo. — Em breve conhecerá aqueles que serão seus mentores e sua Guardiã, recordará que assim como eu, eles também estão ligados a você por laços de amor que veem de outras existências.

Otto sorriu, parecia conformado e tranquilo, seguimos para a casa que lhe serviria de moradia durante sua estadia no plano espiritual, em seguida o encaminhei para a escolha onde iniciaria os estudos preparatórios para próxima reencarnação.

Quando me despedia de Otto notei que Jean me olhava de longe, abracei meu protegido e segui até meu amigo.

— Como vai Jean?

— Vejo que conseguiu conversar com Otto.

— Sim, ele esta consciente de tudo, inclusive da necessidade de retorno ao plano físico.

Olhávamos para Otto enquanto ele interagia com outros irmãos que, assim como ele, em pouco tempo retornariam a terra. Pensativo lembrava-me do meu retorno ao plano espiritual, Jean notando minhas reflexões falou:

— É assim mesmo meu bom amigo! — Uns vem, outros vão, hoje estendemos nossas mãos sobre aqueles que antes foram nossas vítimas ou algozes. — É a benevolência divina que nunca deixa seus filhos

desamparados, dando-nos sempre infinitas oportunidades de progresso!

— É verdade! — De hoje em diante estarei ao lado de Otto até seu retorno a pátria espiritual, seguirei seus passos como um pai que acompanha o filho, farei por ele o mesmo que você fez por mim durante minha estadia no plano físico! — Otto não poderá me ver, mas estarei ao seu lado, serei seu guia, seu pai, amigo, protetor e Guardião, serei o Sete Porteiros em seus caminhos! E quando ele estiver pronto para voltar, mais uma vez estarei com minha mão estendida para ampará-lo!

Jean sorriu, estendeu o braço sobre meus ombros e concluiu:

— Então vamos meu amigo, o trabalho nos espera! — Quer me acompanhar em uma rápida missão?

— Estou pronto! — Jamais recusaria um convite seu!

— Então me acompanhe Senhor Antônio, ou devo chamá-lo de Senhor Sete Porteiros?

Guardião: a luz na escuridão, por Lilian Campos

— Sete Porteiras! Um humilde servidor de
Cristo!

SOBRE O EBOOK

Formato: PDF – 14 x 21 cm

Tipologia: Garamond 10/12/14/26

1ª edição: 2019

Guardião A Luz na Escuridão

A Saga de um barão do açúcar, que teve sua vida transformada com o movimento de Independência do Brasil.

Senhor de engenho, escravocrata, conhecido como um dos maiores exportadores de açúcar, teve sua propriedade, bens e vida dilapidados após a traição daqueles que viviam sobre sua tutela.

Essa é a história de um homem que viveu o auge e a decadência em uma encarnação, traído, encarcerado e esquecido viu-se dominar pela revolta, para anos mais tarde encontrar nas regiões do umbral a consciência e fé que lhe transformariam em um trabalhador das falanges do bem.

Permita-se envolver pela luz e ensinamentos desse Espírito Guerreiro, que entregando-se ao amor de Cristo tornou-se um cooperador incansável. Determinado a seguir os caminhos da Justiça Divina, galgou os degraus do conhecimento e da elevação moral, para se tornar um Defensor e Guardião dos homens de bem.